

o tintureiro francês

paulo larcher

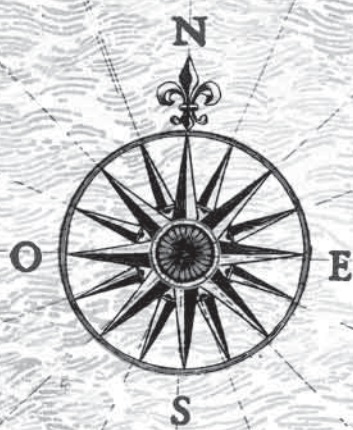


SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Eu não tinha esperança alguma de
apresentar as minhas opiniões com
elegância e clareza de modo a atrair a
atenção do mundo e preferiria viver e
morrer na obscuridade a produzi-las
mutiladas e imperfeitas.*

DAVID HUME

*Para a minha irmã Margarida,
porque me ensinou que o essencial é invisível para os olhos.*



Londres

Saint-Malo

Portalegre

Lisboa

LOCAIS
~da~
NARRATIVA

ÍNDICE

I PARTE	15
I O Triunfo dos Pintados	17
II A Tinta que Não Descora	31
III O Imbróglio da Lã	45
IV O Comendador Encomendado	57
V Bom de Mais para Ser Verdade	75
VI A Elegância Discreta do Palácio	83
VII Amanhã Poderá Ser Tarde de Mais	93
VIII A Máquina de Voar	106
IX É Pegar ou Largar	116
X O Poder dos Ares Factícios	125
XI <i>Duke of Cumberland</i>	133
XII O Café Jamaica	153
XIII Os Sucessos do Sultana	160
XIV Nem Jardim nem Convento	169
XV <i>Alea Jacta Est</i>	178
XVI Será Benéfico? Causar-lhe-á Dano?	186
XVII O Sangue do Dragão	197
XVIII A Decisão do Corsário	215
XIX Mil Moedas de Ouro	224
 II PARTE	 233
XX A Passageira	235
XXI Arrobas de Sândalo, Arratéis de Vitriolo	246
XXII A Real Fábrica de Panos	254
XXIII A Nova Tinturaria	262
XXIV <i>L'Arc-en-Ciel</i>	276
XXV Rescendiam a Fruta Madura	287

III PARTE	295
XXVI A Clausura	297
XXVII Por Sessenta Vezes Folheou o Livro	302
XXVIII Não Há Bem que Sempre Dure... ..	310
XXIX Acenderei no Céu uma Estrela	315
XXX A Estátua d'El-Rei	325
XXXI Forte e Sólido Escarlate	338

I PARTE

I

O TRIUNFO DOS PINTADOS

A carruagem negra sacolejava e rangia no esforço de subir a calçada. As mulas, habituadas ao percurso, pisavam com cautela o chão húmido, mas resvalavam por vezes e os cascos matraqueavam as pedras irregulares com sons aflitos de castanholas. A progressão vagarosa era pontuada pelas imprecações e pelo silvar do chicote, quando o cocheiro tentava dissuadir a canzoada que lhe saltava ao rodado, latindo numa zanga nervosa e sempre renovada.

No interior, cautelosamente envoltos em amplos capotes de viagem, dois homens partilhavam o acanhado banco de veludo carmesim, enquanto os chapéus lhes saltitavam sobre os joelhos. De quando em vez, um deles, mais impaciente, inclinava a cabeça e espreitava a rua através dum pequeno óculo de vidro, aberto no resguardo de pele negra. O tempo cinzento e enevoadado, somado ao embaciado do vidro não permitia que distinguisse mais do que formas e vultos desfocados. Num certo momento, pareceu-lhe divisar lá no alto a torre sineira das Necessidades, velada pela neblina húmida da manhã. Afastou com cautela uma nesga do resguardo. Após confirmar que estavam já muito perto de Alcântara, invectivou o cocheiro:

— Bate-me lá essas mulas, madraço!

Arrepiado pela humidade, deixou cair a pesada cortina de pele e voltou a recostar-se, cobrindo com a dobra do capote o nariz afilado, avermelhado pelo frio.

— Só agora estamos a atravessar a ponte — comentou, após um prévio aquecimento da extremidade enregelada. — Deus permita que recupere-

mos o atraso. O senhor marquês ficaria muito molestado se tal não acontecesse.

Naquela soturna manhã invernos, a sege negra corria a bom correr em direcção às secretarias de Estado. Um dos homens, mais idoso e franzino, era Martinho de Melo e Castro, ministro e presidente da Real Junta do Comércio. O outro, José Bento Alvarez de Magalhães, era o fruto temporão duma antiga e abastada dinastia de comerciantes do Norte, de patilha negra pelo meio da face e barba escanhoada na perfeição, dando realce a um mento voluntarioso.

O que os juntara naquela breve viagem fora o ensejo de virem a celebrar um bom negócio. Seria um bom trato, na verdade, mas perigoso, de tal ordem que, se Magalhães o houvesse adivinhado, decerto logo teria dado meia-volta e metido a galope de volta ao setentrião sombrio e protector. Mas, a bem do conveniente desenrolar desta história, poderes divinatórios não eram o seu forte.

Durante uns momentos, sacudidos com ingrata irregularidade, ambos se remeteram ao silêncio. Depois de abandonarem os muros protectores da cidade, as mulas adoptaram um trote picado, aproveitando a boa estrada que recentemente Sebastião José de Carvalho e Melo, marquês de Pombal, mandara construir junto ao Tejo para gozar de maior conforto nas viagens entre a sua casa no Bairro Alto e a Ajuda, onde passava a maior parte do seu tempo numas modestíssimas instalações.

Era no Alto da Ajuda que, desde o dia aziago em que um estremeção cruel destruíra Lisboa vinte anos antes, o marquês de Pombal despachava com regularidade com Sua Majestade, ainda prudentemente abrigada na Real Barraca, comprada na Holanda e mandada armar no alto de um outeiro, um pouco acima da Igreja da Memória, para acolher Suas Altezas em segurança.

Ouviam-se para os lados do rio os grasnidos das gaivotas que pairavam esfomeadas, ensaiando voos picados às redes frementes, que homens pacientes na faina da pesca libertavam ritmadamente do abraço escuro das águas.

— Como já disse, é duvidoso que vá ser recebido hoje — retomava Melo e Castro a conversa. — O senhor marquês procede sempre a um estudo meticoloso dos requerimentos e raras vezes recebe os petiçãoários antes de o dar por findo.

Magalhães remexeu-se no assento tentando encontrar uma melhor posição para as pernas encolhidas, enquanto pensava na resposta.

— Vossa senhoria sabe bem que nos negócios tempo é dinheiro — disse finalmente, esforçando-se para que o tom da voz soasse bem-humorado — e que as segundas-feiras são os dias de Praça mais importantes porque

regulamos os câmbios para toda a semana. — Pousou ao de leve uma mão enluvada no braço do outro, inclinou-se um pouco e fingiu segredar-lhe: — Mas de boa vontade troco tudo isso pela honraria, mesmo que remota, de ser recebido por sua excelência.

— Ainda bem que pensa assim — retrucou Melo e Castro, agradado.

Remeteram-se novamente ao silêncio, logo interrompido por uma travagem intempestiva seguida dos sons de uma altercação. De novo a pesada cortina de couro foi soerguida com colérica curiosidade: no estreito caminho, a sege defrontava uma cadeirinha manobrada por dois moçotões, impedindo-se mutuamente a passagem. O cocheiro intimava-os a afastarem-se, reclamando a categoria das individualidades que transportava, mas os carregadores tinham aproveitado o ensejo para assentar a carga e repousar um pouco os braços fatigados, sem demonstração alguma de pressa ou preocupação. De súbito, das cortinas surgiu uma mão feminina empunhando um leque fechado, com o qual descreveu gestos imperiosos. Os homens, subitamente muito lépidos, soergueram logo a cadeirinha e desceram apressados a berma, desimpedindo transitoriamente o caminho. Quando se cruzaram, ainda vislumbraram uns coruscantes olhos negros para além da cortininha, embuçados por um leque colorido que adejava em movimentos impacientes.

— É o que dá circular sem guarda nos dias de hoje — resmungou Melo e Castro. — Esta gentalha só a cacete aprende o que é o respeito!

A leve carruagem chocalhava no chão irregular. Daí a pouco curvava para a calçada de Nossa Senhora da Ajuda, com o aro ferrado a desencadear fragores sobre o lajedo. Chegar ao destino era uma questão de minutos. Daí a momentos estacava com grandes guinchos num pátio saibroso.

O cocheiro acorreu a desdobrar o patim. Os passageiros desceram para o terreiro ensopado e enfrentaram a intempérie. Os bisonhos edifícios faziam fraca barreira ao vento leste, que soprava em rajadas fortes e húmidas. Magalhães, aconchegando ao pescoço a capa de lã inglesa, e Melo e Castro, que nem se dera ao trabalho de apertar o seu capote, correram a buscar refúgio numa ampla sala, ajoujada de estantes e armários carregados de fólhos ordenados e catalogados. Uma mesa enorme, de madeira escura, com quatro pares de pesados pés torneados, dividia o espaço. Tinha o tampo coberto por livros comerciais. Junto às janelas, assentos trapezoidais contornavam os vãos e sobre eles outras resmas, em altas pilhas, aguardavam. À volta, várias cadeiras do mesmo estilo antiquado e pesadão exibiam estofos de couro lavrado que já tinham visto melhores dias.

— Graças a Deus que recuperámos o atraso. Vou de imediato ao meu

despacho — informou Melo e Castro um pouco ofegante. — Fique então à sua vontade e qualquer coisa de que necessite, o Adérito providenciará.

Indicava com um gesto de cabeça um mulato já entradote que espreitava do vão da porta.

— Saiba vossa senhoria que ficarei a contento — disse Magalhães, ensaiando uma curta vénia. — Peço-lhe que não se preocupe e, por mim, não faça esperar sua excelência nem mais um minuto.

Depois, de cabeça inclinada, recebeu o rápido aperto de mãos que Melo e Castro lhe concedeu antes de abandonar o aposento em passadas enérgicas.

Magalhães aproximou-se da janela. A chuva cessara. Na manhã que clareara, por cima da torrente do casario que desde o alto da colina descia até ao Tejo, já conseguia vislumbrar, sobre os telhados em tesoura do Palácio de Belém, um ponto ou outro das encostas verdes da outra margem. Barcos de variados tipos, a avaliar pela diversidade de velas entrevistas entre os farrapos de nevoeiro que pairavam sobre as águas, sulcavam o rio, quase todos para jusante. *A maré deve estar a vazar*, pensou.

— Às ordens de vossa senhoria — murmurou Adérito, enrolando a boina entre as mãos, mas ele nem o ouviu.

Magalhães reflectia. Ia para um ano que entregara uma petição para a instalação de uma estampania de algodões. Até há meia dúzia de dias, o silêncio tinha sido a resposta. Estava já meio resignado quando fora surpreendido pelo interesse manifestado pelo próprio presidente da Junta.

A história dos algodões em Portugal era muito, muito antiga. Começara com o primeiro torna-viagem do Gama. A partir daí, tornou-se habitual, no esconso sombrio e húmido dos porões das naus a rescender a trópicos, pimenta, cravo, canela e gengibre, ver alvejar fardos de tecidos nunca antes vistos: panos muito frescos, muito leves, de um colorido firme e alegre, aos quais a cegueira da nossa gente não reconheceu qualquer importância e passou a designar pelo nome um pouco desprezível de «pintados».

Tiveram destinos desiguais, mas sempre modestos: colcha de cama, cortina, forro de arcas, um ou outro xaile... Durante um século, o reino deteve este monopólio mas nunca foi capaz de reconhecer o tesouro ao seu dispor, nem de tirar proveito do seu comércio, ofuscado como estava pelos lucros fáceis das especiarias, das pedras preciosas, dos escravos e das sedas...

O estrangeiro, apercebendo-se da oportunidade que os pintados representavam, lançou-se com avidez na sua importação maciça. Este negócio sobreviveria até um dia em que uns mercadores arménios, devidamente

encorajados por generosos óbolos, aceitaram ensinar os segredos da estampagem à indiana. Uma matilha de pequenos produtores locais avançara então, invadindo o mundo com a *indiennage*, as chitas, os *chintz*, as *cottonades*, até serem travados pela frente unida dos tecelões das lãs e das sedas, progressivamente empobrecidos.

A França em 1686 e a Inglaterra, poucos anos depois, proibiram a importação, a fabricação e até o uso destas chitas, para proteger os velhos artesãos. Todavia, apesar das multas, das prisões e dos exílios, alimentada pelo contrabando e pela contrafacção, aquela moda cresceu imparável até passar a estar presente na decoração e no vestuário, desde a nobreza até ao mais ínfimo dos humildes.

Adérito continuava junto à porta, mas com a boina de novo na cabeça.

— Podes ir. Vai. Vai! — impacientou-se Magalhães ao aperceber-se de que o homem continuava ali espedaçado. — Não, espera. Traz-me um copo de água.

— Deseja vossa senhoria que lha traga do nosso chafariz ou da de Belas? — inquiriu ele desboinando-se rapidamente.

— Tanto me faz. Olha, traz-me antes água de Belas.

— Saiba vossa senhoria que o galego tarda em passar esta manhã e a água que temos na bilha é de ontem, mas está boa na mesma.

— Seja dessa, então!

Magalhães voltou às suas reflexões. Estava convicto de que a fabricação do algodão nunca estivera ausente das preocupações da Coroa, até porque, muitos anos antes — mais de vinte —, por encomenda do próprio Carvalho e Melo, especialistas estrangeiros haviam realizado um estudo detalhado das potencialidades desta indústria e tinham concluído da extraordinária importância económica de que se revestia para o país.

Apesar disso, o governo continuara a concentrar a sua atenção nos lanifícios e não fora por falta de interessados. Desde o ano transacto, porém, tinham ocorrido algumas novidades: El-Rei concedera alvarás a uns modestos industriais para duas pequenas fábricas de fiação e tecelagem do algodão, e o seu próprio requerimento começara a ser discutido. Seriam sinais de uma nova visão?

Adérito fez nesse momento a sua aparição na sala, carregando cautelosamente numa das mãos um jarro e na outra um copo. Sob o olhar indiferente de Magalhães, transvazou com mãos algo trémulas um líquido cantante e cristalino, que, a Magalhães, que o bebeu em sorvos lentos, pareceu muito fresco, claro e saboroso.

...

Blancheville libertou Melo e Castro da capa e do tricórnio e saiu levando a sua carga um pouco húmida. Este, com as mãos cruzadas atrás das costas, patenteando o seu colete de seda verde, apreciou mais uma vez os retratos que adornavam as paredes. Conhecia-os já nos mínimos detalhes, à força de aguardar naquela antecâmara. Admirava sobretudo o retrato da senhora marquesa, sentada de forma algo rígida num cadeirão de couro lavrado, segurando a haste delicada de um cravo entre o indicador e o polegar da mão esquerda, enquanto na direita, abandonada, repousava um cachorrinho de pequenos olhos brilhantes e orelhinhas abatidas.

— Então, Martinho, outra vez a admirar esse retrato!

A voz de trovão sobressaltou-o.

— Será que devo avisar a senhora marquesa de que ganhou mais um admirador...?

— Oh! Senhor marquês, peço-lhe que me conceda o privilégio de, sem ser desmascarado, admirar a suprema elevação da beleza — replicou Melo e Castro.

— Concedido, concedido. Temos muito trabalho?

— Sim, na verdade, senhor marquês — informou Melo e Castro —, e trago um novo assunto que penso revestir-se de grande interesse.

— Devo avisá-lo de que a hora da audiência com Sua Majestade me obriga a interromper o despacho ao meio-dia, por isso, apressemos-nos.

Depois, num aparte para Blancheville:

— Traz-nos um jarro de limonada fresca e daquelas nozes de Arouca que sobraram de ontem.

O marquês sentou-se pesadamente no habitual cadeirão de espaldar, em cujos braços forrados de *capitoné* pousou os braços, cruzando as mãos sobre o ventre e levantando a face equina, enquadrada por uma comprida cabeleira de canudos que vinte anos antes tinha estado em moda no apogeu vienense. Sobre a mesa larga, a arrumação dos raros papéis respirava método. O mesmo se podia dizer das penas aparadas e das velas cuidadosamente limpas de morrões nos castiçais de prata.

— Excelência, recebemos na Junta mais um pedido para um grande estabelecimento, que se propõe integrar a fiação, a tecelagem e a estamparia de algodões. Ao contrário dos dois anteriores, este não acarretaria encargos para o Real Erário, porque seria inteiramente assegurado por capitais próprios dos requerentes. Estudei as credenciais e referências que entregaram e concluí que possuem bons conhecimentos da indústria e solidez financeira.

— Hum! O algodão, sempre o malfadado algodão... — resmungou o marquês. — E qual é a sua opinião, Martinho? Naturalmente que defende esse requerimento?

— Não exactamente, excelência, porque tudo depende das prioridades

que Sua Majestade e o seu preclaro governo quiserem traçar para o progresso industrial do reino — replicou cauteloso.

— Vossa senhoria é ministro e presidente da Real Junta do Comércio. Quem acha que está mais apto para definir as prioridades industriais do reino?

— O que a Real Junta definir para o reino nessas matérias sê-lo-á sempre com a orientação de vossa excelência e a augusta benevolência de Sua Majestade — respondeu Melo e Castro na mesma toada prudente.

— Arranjou maneira de me não dar a sua opinião...

— Excelência — lançou-se então Melo e Castro —, na minha humilde opinião, é uma proposta com valimento e que merece ser analisada para permitir que Sua Alteza tome com sérios e ponderados fundamentos a decisão que mais zele pelos interesses da Coroa e dos seus súbditos.

— Que vantagens poderá o reino retirar dessa iniciativa?

— Tomei a liberdade de trazer comigo um dos signatários, excelência. Mandarei chamá-lo, e ele, melhor do que ninguém, poderá fornecer-nos todas as informações necessárias.

— Ora essa. Um suplicante! — A voz soava intimidadora. — Gosto de ter as conversas de Estado com os meus ministros e não com as partes interessadas. Ora ponha-se lá ao trabalho e deixe-se de disparates.

Este acesso de irritação foi oportunamente interrompido pela entrada de Blancheville carregando uma bandeja de prata onde copos altos cintilavam. Num gomil de porcelana balançava um líquido muito fresco. Uma compoteira repleta de nozes desafiava uma travessa docemente sombreada com quadradinhos de marmelada de Odívelas.

— Tenho reflectido bastante sobre o interesse que o algodão poderá ter para o reino — declarou Melo e Castro. — Em relação a este pedido em concreto, devo confessar que não procedi a um estudo que mereça sequer a atenção de vossa excelência.

— Deixe-se dessas falsas modéstias. Chegou o momento de tomar decisões! — E, mudando subitamente de assunto: — Vossa mercê traz hoje um colete e tanto. — Apreciou o tecido com delicadas bordaduras a fio de prata. — Espero que essa seda seja das nossas fábricas do Rato.

— Sem dúvida, senhor marquês! Só uso produtos nacionais.

— É pena que este povo não siga os nossos bons exemplos. Todos criticam e troçam das nossas fábricas, mas sabem abrir as portas ao bufarinheiro com as peças de seda de contrabando disfarçadas nos alforges... É um povo que não quer e não gosta do progresso.

— De facto, assim parece, senhor marquês. Mas tudo se tem feito para mudar esse modo de pensar.

— Hum! Sabia que em Dezembro se completam 70 anos sobre o infa-

me tratado com o inglês que nos proibiu o acesso à indústria? — E, sem dar tempo a Melo e Castro para responder, bradou: — Toda a minha vida lutei pela abolição de tal monstruosidade. E — continuou — se o nosso exército veste hoje lã portuguesa, isso deve-se ao facto da fábrica de a Covilhã já existir à data do tratado. A não ser assim, a nossa infantaria trajaria panos de Manchester e os nossos bravos oficiais lançariam as suas cargas de cavalaria fardados com drogues de Liverpool.

— É bem verdade, senhor marquês — assentiu Melo e Castro. — Aproveito para comunicar a vossa excelência que até agora a Junta não logrou comprar toda a lã necessária ao fardamento para este ano.

Perante o olhar indignado do marquês, tentou justificar-se:

— Foi um mau ano para as lãs, com pouco pasto e muitas maleitas nos rebanhos...

— Irra! Todos os anos encontra desculpas para mais uma perturbação nas fábricas. Mas que terra é esta que não consegue produzir uns centos de arrobas de lã ordinária!?

— Uns centos, senhor marquês?! Só na Covilhã foram usadas para cima de dezasseis mil arrobas, excelência! O ano passado o Erário Régio despendeu quarenta e oito contos de réis!

— Então, de que valeu Sua Alteza ter promulgado os alvarás que estipulavam contribuições para os criadores?

— Assim é de facto, senhor marquês, mas ainda há muita casa particular que desvia indevidamente para si o melhor das suas lavras e como Portalegre iniciou a produção, perfaz um ano em Abril, tem atraído muita lã que até então se encaminhava para a Covilhã.

O marquês cruzou as mãos debaixo do queixo e inclinou-se para a frente, de cenho carregado: — Martinho, faça-me a subida fineza de não criar entraves ao funcionamento dessa fábrica. — Com um rápido gesto de mão impediu-o de falar. — Portalegre é a menina dos meus olhos. Prefiro ver as minhas tropas de farda puída do que este projecto falhado... Vossa mercê bem o sabe.

E, acalmado, ajeitando as laudas à sua frente na secretária, continuou:

— O reino precisa de ganhar esta aposta. — A voz soava agora persuasiva. — O meio mais eficaz para restabelecermos as fábricas que antes do tratado fizeram a nossa grandeza, é aperfeiçoá-las de modo a que a qualidade, bondade e variedade dos seus tecidos seja igual ou exceda a dos importados. Nada disto me parece difícil num país onde os mantimentos são abundantes e baratos. Agora, se lhes falta a lã...

E o marquês deixou a frase em suspenso para o outro compreender que da falta ou da abundância dessa lã dependeria muita coisa.

Melo e Castro também se revoltava contra aqueles que conjuravam

para a perda da independência económica do reino. Longe iam já os tesouros do Brasil, alimentadores de quimeras de opulência perpétua e que, enquanto tinham circulado, haviam-se substituído ao saudável e tradicional fluxo de riqueza das províncias para Lisboa, carreado pelos tributos, pelas comendas e pelas rendas eclesiásticas. Ora é sabido que num reino onde a indústria dos povos não produz o suficiente, o giro do dinheiro estanca e gera fatalmente a diminuição dos cabedais, o empobrecimento dos seus habitantes e, concomitantemente, dos seus soberanos.

O marquês, desde a sua nomeação para o governo, dedicara-se a criar nas populações o gosto e o hábito pela aquisição de todo o tipo de bens produzidos em território pátrio, os mesmíssimos bens que durante gerações as gentes se tinham habituado a ver entrar pelas barras a bordo dos navios estrangeiros.

A primeira aposta havia sido a da seda. Ninguém dava um real furado pela ideia. Dez anos após o seu estabelecimento, porém, já a Real Fábrica das Sedas aprovisionava o reino de todo o género de peças, em qualidade e beleza nada inferiores às que anteriormente vinham do estrangeiro. A seda das elegantes meias brancas envergadas por Melo e Castro ou dos dois pares sobrepostos com que o marquês escondia as suas pernas varicosas era, sem dúvida, proveniente dos casulos fiados no Rato.

Chegara então o momento de conseguir com a lã sucessos análogos. Contudo, nenhum dos projectos apadrinhados pelo marquês tinha sobrevivido.

Porque seria?

A impossibilidade de criar estabelecimentos de certa dimensão em Portugal sem a intervenção e o apoio da Coroa era uma das causas. Os nobres e o clero não se interessavam pela indústria e os burgueses temiam-na, sobretudo por via do desamor à ciência e à modernidade que grassava no país como uma peste, alimentada pelas lembranças das perseguições inquisitórias, pelos regulamentos antiquíssimos das corporações, que manieta-vam e amordaçavam um país exangue e dependente e, também, pela taca-nhez, inveja e desconfiança que sempre agrilhoara a alma lusitana.

Mas onde a causa principal dos insucessos podia ser encontrada era nos barcos ingleses, que inundavam todo o litoral com panos de lã baratos, fabricados dia e noite nas suas colossais manufacturas.

A Real Fábrica de Panos estabelecera-se pois em Portalegre que ficava longe dos portos de mar onde fundeavam as fragatas britânicas, no entanto Melo e Castro apercebia-se de que na fábrica havia muitos problemas por resolver para além da compra da lã, mas isso era uma outra história.

— Asseguro a vossa excelência, à fé de quem sou, que a Portalegre nunca lhe há-de faltar a lã necessária.

Carvalho e Melo distendeu-se num longo sorriso e acenou aprovadamente.

— Não esperava menos de vossa mercê. Mas, adiante.

A crise por enquanto ficava em suspenso.

O problema do algodão era um imenso quebra-cabeças, em que fragmentos dispersos tinham sido obtidos por Melo e Castro através da leitura judiciosa dos requerimentos à Junta, à mistura com informações vindas dali e de acolá. As conversas recentes com Magalhães tinham-no convencido de que o algodão fazia muita falta a Portugal. É sabido que da fé ao apostolado vai um grande passo, mas esse deu-o ele, na tentativa de convencer o seu interlocutor. Só se deu conta de que se alongara em demasia quando Carvalho e Melo soltou um longo bocejo ruidoso, mas o ministro não capitulou porque queria ainda falar-lhe do industrial Oberkampf, aureolado de prestígio e fortuna graças à sua opção pela estamparia. E narrou a façanha singular desse alsaciano quando decidira estabelecer-se com uma estamparia. Tinha apenas vinte e dois anos, era filho de tintureiros e iniciara a sua aprendizagem aos onze nas reputadas manufacturas de Mulhouse. Num primaveril mês de Maio imprimira os seus primeiros panos de algodão, numa fabriqueta de sua propriedade situada numa pequena povoação com boas águas e a uma proximidade conveniente da corte de Versalhes. Hoje em dia, dez anos depois, empregava quase um milhar de operários o que, concluía o ministro muito ufano, o tornava no maior industrial de França e num dos maiores da Europa.

— Que martírio! — impacientou-se o marquês. — Isso é mesmo necessário? Saber todos os pormenores da vida dum tintureiro alemão?

Este foi o momento escolhido pelo criado para anunciar a chegada de uma rotunda personagem.

— Deus Nosso Senhor vos tenha em Sua Santa Guarda — entoou prazenteiro frei Manuel de Mendonça, o poderoso geral dos frades bernardos e confessor de Sua Alteza Real, a Rainha.

— Ámen — responderam os dois homens em uníssono enquanto se soerguiam para receber a bênção.

— Veio cedo, padre Manuel. Sua Majestade só nos espera lá para o meio-dia, mas acomode-se se faz a fineza e prove estas nozes de Arouca que estão soberbas, enquanto lhe mando buscar uma limonada fresca.

— Não se dê a esse incómodo por minha causa, senhor marquês. Eu fico aqui entregue às minhas devoções.

E sopesava nas mãos sapudas o rosário de contas de madrepérola.

— Ora muito bem. Vamos lá então ouvir o que o senhor Melo e Castro ainda tem para nos dizer.

Melo e Castro disse então que pedira informações sobre o peticioná-

rio francês e que na volta do correio tinha recebido referências elogiosas: Stéphane Larcher era tido em França como um *gentilhomme* e profundo conhecedor dos segredos da tinturaria; trabalhara com Oberkampff na estamperia de Jouy-en-Josas. A importante experiência, as recomendações elogiosas e a ligação a um industrial tão conceituado, opinava Melo e Castro, parecia-lhe de bom augúrio, dado que os bons negócios vivem das competências mas também, e sobretudo, da inteireza moral dos seus animadores.

— A quem o diz — interrompeu-o inopinadamente frei Manuel. — Bem vejo todos os dias que isso da moral é virtude que vai rareando.

— Nem tanto ao mar nem tanto à terra, padre Manuel — admoestou mansamente o marquês. — No mundo, felizmente, vai havendo de tudo. Mas o que o senhor Melo e Castro disse pareceu-me interessante. Na verdade, nunca conseguimos arrancar os segredos das tintas fixas aos mestres que os diversos negociantes foram atraindo para o reino. El-Rei, meu amo, pretendia que os Suíços, os Franceses ou até os Ingleses nos viessem ajudar a formar bons tecelões, tintureiros sabedores, ilustradores criativos, gravadores competentes, de modo a que no futuro pudéssemos ser uma verdadeira nação soberana. Ora, o que essa gente deseja é acumular proventos sem dar em troca nada que permaneça. Assim não!

O marquês ia-se exaltando à medida que falava.

— E tem mais, enquanto nos seus países com quatro tábuas de pinho podres formam as paredes e com duas dúzias de mal cozidas telhas fazem o tecto de uma fábrica em que laboram teares donde saem estofos custosíssimos, no nosso país, começam por se instalar em locais com todas as condições e baronias. Ora querer principiar por edifícios suntuosos é a mania e o escolho onde têm naufragado muitas das nossas iniciativas!

Melo e Castro acenava com a cabeça em sinal de concordância dando assim tempo a que o marquês serenasse, mas frei Manuel era homem de pouca subtilidade e quis meter a sua colherada.

— Para acertar, também é necessário, primeiro, o desacerto.

— Ó padre Manuel, com franqueza! Em nome de El-Rei eu governo este país. É a vida e a riqueza de um povo e do seu soberano que estão em causa. Se calhar, os desacertos são moda lá na sua igreja, e tantos temos visto na verdade, mas no governo de uma nação afirmo-lhe que há que acertar à primeira.

E deixando o frade um pouco cabisbaixo, voltou-se para Melo e Castro e perguntou: — Posso então depreender que esse mestre virá ensinar aos nossos oficiais as artes tintoriais?

— Tal não posso afirmar categoricamente, excelência, mas penso que

esta é a melhor proposta que a Junta alguma vez teve oportunidade de colocar à superior consideração de vossa excelência.

— Dê-me três boas razões para Sua Alteza a aprovar.

— Três boas razões, excelência?! — Melo e Castro reflectiu por uns momentos. — Primeira, um dos suplicantes é um grande mestre desta arte; segunda, propõem-se fiar e tecer o algodão e não só tingir ou estampar panos importados; e, terceira, não vão necessitar de fundos do Erário Régio, correndo assim o risco totalmente por sua conta.

— O que acha disto tudo, meu bom amigo? — inquiriu o marquês, voltando os olhos para D. Manuel, que, distraído, desfiava as contas do seu rosário.

— Senhor marquês, não tente este humilde servo de Deus com o pecado da vaidade. Quem sou eu para aconselhar o mais ilustre governador deste reino?

— Não é a ciência que nos ensina, mas sim o tempo — observou o marquês com amarga ironia —, e o senhor padre é pelo menos tão velho como eu. É obrigado a ter uma opinião.

— Acabei por não entender muito bem — reflectiu então D. Manuel — se o mestre francês nos vai ensinar o segredo das tintas fixas.

Os olhares dos dois homens voltaram-se para Melo e Castro.

— Os panos indianos são um grande negócio da Inglaterra, da França, da Holanda, da Suíça, da Catalunha... — começou este. — O estabelecimento de uma manufactura entre nós permitiria que alinhássemos mais uma vez com os grandes do mundo. A divulgação do segredo das tintas é um detalhe para o qual de momento não sei a resposta, reverendo. Mas na minha humilde opinião, é um detalhe pouco relevante.

— Pois aí tem a sua resposta, padre Manuel — ironizou o marquês —, mas penso que a minha ainda está incompleta. O que ganha o reino em termos monetários?

— Ganha muito, senhor marquês, e por duas vias, sendo a primeira a substituição das importações de tecidos ingleses e a segunda, os réditos das exportações de panos pintados.

— Agradeço a sua exposição, senhor ministro, e agradeço também a si, padre Manuel, as suas reflexões.

O marquês bebeu um último gole de limonada, ajeitou-se no cadeirão e prosseguiu: — Em devido tempo, o primeiro-ministro da França, meu particular amigo, teve a amabilidade de me pôr ao corrente da liberalização do comércio dos algodões mas nessa altura a preocupação de El-Rei centrava-se mais nas sedas. Hoje podemos gabar-nos de produzir toda a seda de que necessitamos. Depois, veio a batalha dos lanifícios. Neste país havia uma única manufactura de lãs, a da Covilhã.

Nesse momento, Blancheville foi informar de que a carruagem já se encontrava preparada.

— Bom, dentro em breve eu e aqui o nosso bom padre devemos apresentar-nos na corte e este assunto é demasiado vasto e importante para ser decidido sem uma prolongada reflexão.

Levantou-se. O criado ajudava-o a retirar o guarda-pó; punha-lhe a jeito a casaca.

— Vossa senhoria despertou o meu interesse, isso é indubitável. Como se chama o português?

— José de Magalhães, excelência.

— Vamos recebê-lo brevemente. Confira as datas com o meu secretário, por favor.

O marquês envergava a casaca. O criado tufava-lhe as mangas e o peitilho rendado da camisa.

— Gostava só de terminar esta conversa para que o nosso D. Manuel não fique a pensar que no governo só acertamos por acaso.

D. Manuel riu-se a contragosto.

— El-Rei, meu amo, e eu próprio, pusemos todo o nosso empenho na Real Fábrica da Covilhã. Lá investimos o melhor da verba das alfândegas e, com a graça de Deus — aqui D. Manuel acenou repetidas vezes com a cabeça em sinal de plena concordância —, tivemos sucesso nas lãs ordinárias. Produzimos a quantidade suficiente para o fardamento da tropa e não necessitamos de importar um único côvado. Continuamos, porém, a ser invadidos por uma quantidade enorme de panos ingleses, de grande qualidade, a preços muitíssimo acomodados, com os quais a fábrica da Covilhã não tem conseguido competir. A nova aposta de Sua Majestade é a de vencer os Ingleses no seu próprio terreno. Foi para isso que fundámos uma fábrica de lãs finas em Portalegre, mas cujos resultados nos têm desiludido. Por essa razão, ainda não tomei uma decisão em relação ao caso dos algodões. Nem Sua Majestade nem eu próprio gostamos de deixar trabalhos a meio.

O marquês ergueu-se em toda a sua estatura. O criado aguardava na antecâmara, sobraçando o espadim, a capa e o grande tricórnio de sua excelência.

— Vamos mesmo ter de falar com esse homem e, ó Martinho, é melhor dizer ao Seabra para também estar presente.

O ministro curvou-se numa reverência. O marquês esboçou um aceno, D. Manuel uma bênção. Os três homens saíram para o pequeno pátio onde a chuva havia cessado e os cavalos dos dragões reais, agitados à volta da carruagem, caracolavam na previsão do passeio eminente.

Por cortesia, o marquês permitiu que a sege de Melo e Castro franqueasse em primeiro lugar o portão, mas de pronto a ultrapassou. O trote

vigoroso das quatro reluzentes mulas e o volteio agitado das montadas dos dragões de espadas desembainhadas deixaram um rasto de pó na tarde clara.

Seguiam agora junto ao Tejo, pelo desimpedido caminho que ia de Belém a Alcântara. A luz de Outono chegava velada pela pesada cortina de pele, que abrigava os passageiros do vento, da lama e dos olhares. Melo e Castro explicava em linhas gerais a audiência, deixando passar uma mensagem optimista.

— Não tenho resposta afirmativa, mas também não posso dizer que seja negativa. O senhor marquês ficou sensibilizado, mas vamos ter de ponderar. Ordenou-me que preparasse para breve uma audiência com vossa mercê, o que é de muito bom augúrio.

— Estarei sempre ao dispor de sua excelência para discutir questões do meu interesse, bem entendido — a voz de Magalhães soava um tudo-nada agastada —, mas, sem pretender ser impertinente, quantas deslocações mais serão necessárias para resolver a contento o meu requerimento?

— Senhor Magalhães, isto é Portugal. — Melo e Castro empertigou-se, já vagamente arrependido da anterior cumplicidade. — Esqueça os ritmos muito ordenados lá dos Ingleses. É assim que se fazem os negócios por aqui, com ponderação, estudo e sobretudo com o alto patrocínio do senhor ministro do reino. De outro modo, nada fica garantido. Mas, claro, a opção é unicamente sua. Está a ficar calor, não lhe parece?

E o ministro abriu o leque a refrescar-se.

— Peço que me perdoe as minhas irreflectidas palavras. — O tom de voz de Magalhães soava submisso. — O apoio de vossa senhoria tem sido precioso e longe de mim a ideia de não me sentir seu devedor. Aceitarei de bom grado todos os trabalhos que me solicitar, sabendo que são o caminho seguro para o sucesso da minha petição.

Melo e Castro contemporizou, agradado com a reacção humilde de Magalhães.

— Nada é seguro, senhor Magalhães. Nunca nada é seguro. A personalidade do senhor marquês não é de molde a que sintamos ter conquistado algo definitivamente. Tudo fica sempre dependente do seu arbítrio.

— Há vícios necessários a certos homens, assim como há virtudes impróprias em outros — atreveu-se Magalhães a comentar.

— Assim é. Assim é, de facto.

O trote das mulas e o silvar do chicote foram os únicos sons que os acompanharam no resto do percurso.

II

A TINTA QUE NÃO DESCORA

— **A**preciei a sua petição — declarou Carvalho e Melo, indicando aos seus interlocutores uns cadeirões estofados em veludo açafrão. — Vi que teve a concordância da Real Junta do Comércio, o que é de grande importância, porque os homens de negócio raras vezes se enganam quanto ao mérito das solicitações que inundam as nossas repartições.

Ajeitou-se por detrás da mesa barroca. Na organização dos poucos objectos que a adornavam imperava a ordem. Magalhães, Melo e Castro e Seabra da Silva sentaram-se em silêncio e fixaram-se na figura envolta em seda negra, que os fitava com a face amaciada num meio sorriso.

— É um negociante de grosso trato, matriculado na Junta há quase seis anos. — O marquês fitava Magalhães com uma atenção benévola. — A que ramos tem aplicado os seus cabedais?

— Saiba vossa excelência que antes da matrícula me dedicava ao trato com a Índia. Desisti porém desse comércio, após ver o meu nome injustamente envolvido no escândalo com a nau de Nossa Senhora da Penha de França. Desde essa altura, a minha firma passou a dedicar-se à importação de chitas e à exportação de vinhos para Inglaterra.

— E como vê vossa mercê a acção da Companhia das Vinhas do Alto Douro na regulamentação desse mercado?

— De forma muito positiva, excelência. O vinho que adquirimos tem uma qualidade constante e, segundo os nossos clientes ingleses, tem melhorado nos últimos anos, sem aumento excessivo dos preços.

— Foi fácil a entrada num mercado tão controlado pela feitoria inglesa do Porto?

— A minha firma tem desde há muito estabelecimento na cidade do Porto e mantém boas relações comerciais com a família Croft, sobretudo com John Croft sobrinho, o que permitiu que na campanha do ano passado, exportássemos quatrocentas mil canadas de vinho para a região de York — gabou-se Magalhães, subitamente entusiasmado com o rumo da conversa.

— Mas os seus negócios não se ficam por aí, não é verdade? — inquiriu o marquês, subitamente sisudo.

— Na verdade, aproveitamos o torna-viagem para importar alguns géneros de que o nosso mercado esteja carecido.

— Não — agastou-se o marquês. — O senhor e os seus sócios inundam o país de todos os géneros que tenham uma margem atraente. E, deixe-me dizer-lhe, essas importações têm prejudicado de forma muito gravosa a nossa nascente indústria. Os senhores trazem tudo o que calha. — O marquês deu a impressão de que, levado pela indignação, se iria levantar. — Essa é a razão de a Inglaterra nos vender todos os anos seiscentos mil cruzados de mercadoria e nem nos chegar a comprar quatrocentos mil...

Um silêncio constrangedor desceu sobre a sala. Ninguém queria tomar a iniciativa de falar, depois daquela explosão. Magalhães, muito pálido, fitava as fivelas de prata dos sapatos.

— É realmente difícil governar um povo que não quer ser governado — declarou o marquês num tom reflexivo. — Mas, diga-nos — continuou melífluo —, com este novo pedido, a pretensão de vossa mercê é novamente a de aumentar os seus cabedais à custa do bem-estar do nosso povo e da riqueza do nosso soberano?

A voz inquisitorial fez estremecer Magalhães e relembrar-lhe a fama terrível da personagem e dos seus métodos. Mas como algo lhe soara a falso, decidiu jogar uma cartada arriscada.

— Excelência, dou-me como culpado quanto à importação de algodões, mas não quanto à importação de qualquer outro género de que a indústria do reino se tenha ocupado com sucesso, porque não estaria certo prejudicá-la — declarou cortesmente, mas com firmeza.

Depois de verificar que a disposição do seu colérico interlocutor não parecia alterada, continuou: — Em relação ao algodão, é sabido que não existem fábricas no reino, e é sempre preferível importá-lo através das alfândegas e receber os quatro por cento dos direitos. A nação de uma maneira ou de outra não ficará sem esses algodões. Eles vêm dissimulados nos porões dos navios estrangeiros que fundeiam no Tejo e pelas mãos dos seus tripulantes são trazidos para terra e vendidos. Entram pela larga fronteira

do reino do Algarve com mais frequência que o pescado. E, por toda a raia da Estremadura, invadem o país, sendo a povoação de Barrancos o grande empório. Mas não é só pela Estremadura. Entram também pela Beira, ao Minho chegam por Monção e também nos invadem pelas barras de Viana, do Porto, do Mondego, de Setúbal...

Interrompeu-se com receio de se ter excedido, mas o silêncio do marquês incitou-o a continuar: — Os panos entram por contrabando, excelência, e, apesar das proibições, são comprados pelos fidalgos, pelos comerciantes e pelo povo. É precisamente esse comércio sem lei nem regra que o estabelecimento que propomos irá evitar. A uma nossa proposta anterior não foi reconhecido merecimento. Rogo a Deus para que a actual tenha melhor acolhimento.

— Deus Nosso Senhor não faz negócios — cortou secamente o marquês, mas continuou, mais cordato: — Gostei da forma como vossa mercê defendeu a sua dama. Bem sei que o reino está afogado em contrabando e que cada casa, desde o palácio à choupana, faz gala em menosprezar as ordens de Sua Majestade.

Calou-se reflectindo, depois, nem parecendo a pessoa que minutos antes falara ameaçadoramente, inquiriu:

— Mas tenha a bondade de me esclarecer uma dúvida. Seria então preferível para a economia do reino importar todos os algodões necessários e arrecadar os quatro por cento a fabricá-los pelos seus próprios meios?

A tormenta tinha passado, pensou Magalhães. O acesso de mau humor tinha sido um meio de o estadista o testar. Após esse ritual, começava a verdadeira batalha: a dos interesses. Aquela pergunta pareceu-lhe, contudo, demasiado ingénua. O marquês fora educado na escola mercantilista, como o próprio Magalhães, aliás. Ambos sabiam claramente qual a resposta. Não parecia, portanto, útil, tentar provar que o estabelecimento da fábrica renderia bem mais do que as taxas.

— Sou um mero negociante, excelência, e a pouca idade não me concede ainda o entendimento preciso dos mecanismos do progresso económico das nações.

— Poupe-me a conversinhas de salão! — interrompeu-o de imediato Carvalho e Melo tomado de novo acesso de irascibilidade. — Eu conto com comerciantes jovens e ousados para mudar este país. Deixe lá a filosofia barata para os lentes das escolas. Espero de vós a visão e a coragem para colocarem os vossos cabedais em operações de risco. Foi para isso que vos defendi contra um país de néscios e invejosos. Foi para isso que El-Rei, meu amo, decretou a vossa profissão nobre, necessária e lucrativa. Foi para dar um sinal à nação de que vos autorizei a utilizar o espadim nos dias santos; de que enobreço aqueles que de entre vós me ajudam nesta tarefa ciclópica

e de que vos enriqueço à custa de privilégios e isenções — exaltava-se perigosamente o velho marquês. — Diga-me, nada disto teve merecimento?!

— Teve, excelência. Teve todo o merecimento.

— Então, peço-lhe um único favor em troca: fale-me sem circunlóquios e com clareza.

Magalhães concentrou-se no que ia dizer. O marquês não parecia o tipo de homem que gostasse de ver malbaratar oportunidades.

— Excelência, o reino tem cerca de seiscentos mil fogos. Em cada um habitam quatro, cinco ou seis pessoas. Pode dizer-se que a população rondará os três milhões, dos quais à volta de dois não dispõem de numerário para a aquisição de bens. A maior parte desta gente vive nos campos, afastada das cidades e daquilo que proporcionam. Do milhão restante, mais de metade compra qualquer coisa uma vez por ano: umas vezes um pano, outras vezes um barro vidrado, uma faca, um utensílio de lavoura, ou um animal. Dos restantes, cerca de quatrocentos mil vivem em cidades ao longo da costa. Na cidade do Porto existem cerca de sete mil e quinhentos fogos e em Lisboa estão recenseados mais de quarenta mil. Os fidalgos da Casa Real e suas famílias rondam as vinte mil almas e sustentam nas suas casas quase cem mil pessoas, entre empregados e criados. Tudo somado, temos como certo que em todo o país há condições para uma vez por ano se comprar quatrocentos a seiscentos mil côvados de tecidos. No ano passado importou-se da Índia, de Inglaterra, de Marselha e da Catalunha cem mil côvados de pano de algodão, entre cambraias, musselinas, tules, zuartes ou simples chitas, dos quais mais de metade foram vendidos em Lisboa.

— Ó Seabra, confirma-me estes números? — O marquês dirigiu-se repentinamente a Seabra que ficou um bocado atrapalhado.

— Bem, senhor marquês, o número de fogos posso confirmar já. Em relação às importações de panos teria de consultar os livros da alfândega.

— Bem, deixe lá estar. Continue, por obséquio.

Magalhães falou então do que acontecera em França com as *indiennas* onde a moda corraera como fogo em palha seca, incentivada pela corte e pela marquesa de Pompadour, que protegera pessoalmente esta nova arte.

Contou que as chitas tinham começado por ser vistas em França como substitutas da seda, a *courte soie*, um artigo de consumo para as classes altas mas que, após a revogação da proibição, se multiplicara, até representar quinze por cento das necessidades do vestuário feminino. Magalhães antecipava igual êxito para as chitas em Portugal, dado que sempre o efeito imitação tinha sido respeitado no que às modas dizia respeito, e não havia razão para que desta vez fosse diferente.

Confessou que o seu interesse e dos seus associados era obter um pri-

vilégio de produção e venda exclusiva dos algodões pintados no reino, incluindo a sua exportação para África e sobretudo para o Brasil.

Aqui hesitou um pouco, porque sabia que as duas fábricas estabelecidas no ano anterior não tinham produzido ainda uma libra que fosse de fio de algodão ou um côvado de pano. Dificilmente se tornariam concorrentes sérios porque não tinham técnicos à altura e tinham optado por uma localização periférica, estando portanto mais interessadas nos mercados locais mas, pressentindo que o marquês também estaria interessado em que estas fabriquetas singrassem sem sobressaltos, decidiu fazer uma inflexão táctica.

— O estabelecimento das fiações de Almeirim e de Alcobaça permitirá o fabrico de fio para a trama e de panos de algodão com a qualidade suficiente para estampagem — adiantou com prudência, mas foi intempestivamente interrompido por Melo e Castro.

— Desculpe-me a interrupção, mas por que razão afirma que Almeirim e Alcobaça só irão fabricar fio de trama? O nosso plano inclui também a produção de fio para a teia...

O negociante pensou que se o ministro estava muito mal aconselhado, não era seu dever desenganá-lo mas, sabendo que o marquês o escutava atentamente, respondeu com prudência.

— É sabido, senhor ministro, que a fiação do algodão é quase desconhecida no reino...

— Não, não! Desculpar-me-á, mas não posso estar de acordo. Desde tempos imemoriais que fiamos a lã, o linho, a seda, o cânhamo. O que há de tão especial na fiação do algodão?

O que há de especial?! Tudo! Tudo é especial na fiação do algodão. Há uma enorme diferença entre a longa fibra do linho, por vezes atingindo quase uma jarda, ou da seda que nasce em braços infundáveis de fio já resistente e tenso, e a frágil e curta fibra do algodão.

Como dizê-lo sem afrontar Melo e Castro?

— Não me expliquei devidamente, senhor ministro — desculpou-se Magalhães. — O país fia todas essas fibras vegetais e animais. Bem sei que é quase impossível viajar sem entrever mulheres nas suas casas manobrando o fuso e a roca.

Sentindo um movimento de impaciência no grande vulto negro, apressou-se a concretizar a sua ideia:

— Essa prática arreigada não impediu que o reino fosse invadido por todo o género de tecidos estrangeiros. Diria que não foi encontrado o equilíbrio entre a qualidade e o preço, o que faz a diferença entre o bom e o mau comércio.

— Bom, deixemos isso por agora — interrompeu o marquês. — O mercado está convenientemente abastecido de algodão?

— Bom, excelência, o bom algodão, com fibras que atingem uma polegada e meia ou duas, chega das Índias Ocidentais a Inglaterra, que o guarda ciosamente para si. O que chega a Marselha é consumido no Languedoc, na Provença e em Lyon. É um algodão de primeira categoria, com quase duas polegadas, que vem do Levante, através de Veneza. A L'Orient, na costa oceânica da França, chega uma quantidade colossal de algodão em rama, com fibras à volta de uma polegada, que é vendido para Paris e exportado para a Catalunha e para o Norte da Europa, através de Saint Malo, cujos navios passam ao longo da nossa costa, mas evitam fundear nos nossos portos. Em Portugal recebemos directamente do Brasil algum algodão de fraca qualidade, porque naquelas terras os investimentos têm sido mais dirigidos para as pedras preciosas e o ouro e menos para a agricultura.

— O que sempre me pareceu um desacerto, mas é sabido que as consequências funestas de um erro em administração se estendem até às últimas ramificações da sociedade — declarou Carvalho e Melo. — Sempre defendi a opinião de que o gosto exacerbado pela pimenta, pelo ouro e pelos diamantes têm sido a riqueza e a perdição deste reino. A passagem desses bens pelos nossos portos e alfândegas tem sido quase irrelevante do ponto de vista económico. Temos sido, sobretudo para os Ingleses, mas também para muitas outras nações, um mero entreposto comercial.

— Tem vossa excelência inteira razão — corroborou Melo e Castro —, mas convém não esquecer que o comércio é como o azeite, que sempre unta por onde passa, e que devemos a esses tráfegos boa parte das riquezas que se acumularam nestes reinos. Mas gostava ainda de inquirir o senhor Magalhães sobre o abastecimento do algodão. Com Almeirim e Alcobaça a funcionarem em pleno, não haverá problemas?

— O fornecimento de algodão ficará assegurado por um contrato com uma companhia de L'Orient, contrato esse avalizado pelo próprio Stéphane Larcher — informou de pronto Magalhães, que, perante a careta incrédula do outro, acrescentou:

— Este mestre começou a organizar os fornecimentos das matérias-primas para a fábrica do senhor Oberkampf há dez anos e nunca se assistiu a uma quebra, ou a qualquer atraso. Saiba vossa excelência que aquela fábrica emprega novecentos trabalhadores e que no ano passado produziu trinta mil peças. Ora, isso equivaleu à importação anual de setecentas mil arrobas de algodão. Os números para a nossa fábrica são substancialmente menores. O nosso propósito é de ultrapassar as mil e duzentas peças por ano num total de sessenta mil côvados, o que obrigará apenas a um fornecimento de cerca de vinte e oito mil arrobas de algodão.

— Vossa mercê fala a linguagem que me agrada — interrompeu Carvalho e Melo — e que eu sonho que um dia se generalize neste país de

santarrões e de madraços. Mas esclareça-me: para o sucesso deste empreendimento é mister tão-só resolver a questão da compra do algodão?

— Não, excelência, não! O algodão pressupõe a confluência de muitos saberes. O seu abastecimento é necessário, mas não suficiente. Muitas outras partes concorrem para o sucesso desta empresa...

— Avance então, avance... — resmoneou o marquês de Pombal, lançando um olhar furibundo a Seabra que através da janela contemplava distraidamente o céu nublado.

— O algodão já é um grande êxito, unindo as civilizações e os continentes numa apertada teia de relações e interesses, mas estou convencido de que está ainda no início de um longo e próspero caminho. Devemos porém estar atentos a várias questões. A do fio é uma delas. Produzi-lo em quantidade e qualidade suficientes é transformar o algodão em bruto em matéria fabril e em garantia de funcionamento da indústria. Sei que para a produção do fio de barbim em Inglaterra, em França, nos cantões suíços e em algumas cidades da Alsácia já se utiliza um mecanismo que multiplica a sua velocidade do fabrico, permitindo torções mais complexas que, embora lhe diminuam a espessura, aumentam em muito a sua resistência. Para a nossa fábrica encontra-se já apalavrada uma destas máquinas, que só espera instruções minhas para ser despachada no paquete do correio e desembarcada em Lisboa.

— Cuidado com a questão das patentes! — exclamou subitamente Seabra. — As alfândegas inglesas são muito estritas em relação à exportação de maquinismos.

O marquês fitou-o de sobrolho franzido e pareceu que ia repreendê-lo mas ao invés soltou uma sonora gargalhada: — Essa história de uma máquina pesada a viajar de paquete faz-me lembrar a história dos canhões do conde de Lippe — e, voltando-se para Melo e Castro: — Lembra-se disso, Martinho?

O visado, com um sorriso absorto, acenou que não, o que levou o marquês a prosseguir:

— Pois então o conde de Lippe, a quem Sua Alteza, que Deus guarde em sua Santa Graça, elevou à dignidade de príncipe da Casa Real devido à grande utilidade que demonstrou na recuperação do nosso depauperado exército, quando voltou à sua pátria, recebeu valiosos presentes e entre eles seis canhões de ouro, pesando cada um trinta e duas libras! Estava-se em pleno Inverno e o conde quis levar com ele os canhões. Após considerar as opções ao seu dispor, decidiu utilizar a mais segura, exactamente o paquete do correio, o *Hanover*... — e aqui o marquês riu novamente. — Só que os bons fados não o acompanharam na viagem e o *Hanover* foi o único navio na história da carreira a naufragar, já à vista da Cornualha.

O marquês tossicou, aclarando a garganta, e concluiu: — Ainda lá devem estar no fundo do mar...

— Espero que evento tão aziago não se repita com a nossa máquina, excelência. Mas, continuando, outra questão é a de podermos contar com um bom abridor de estampas para nos podermos implantar neste mercado tão aguerrido. Ora, o mestre Larcher irá trazer alguém muito competente neste ramo. É igualmente essencial dispor de um bom colorista e tenho informações fidedignas de que ele próprio é um dos melhores nesse ramo.

— Dê-me licença — interrompeu Melo e Castro —, mas pelo que oíço vamos ficar completamente nas mãos desse tal Larcher. Ou não?

— Senhor ministro, penso que eu é que irei ficar nas mãos desse mestre e, se me permitem, também nas vossas, porque são os meus cabedais que irão ficar comprometidos no negócio.

— Tem vossa mercê alguma razão, mas não toda — retrucou Carvalho e Melo bem humorado — porque a Coroa fica sempre implicada em todos os negócios que autoriza ou promove; já por várias vezes Sua Majestade teve de acudir a negociantes em dificuldades, recorrendo aos fundos do Erário Régio. Porque, bem vê, depois de um determinado estabelecimento ser implantado, vai-se estabelecendo uma rede de interesses legítimos que urge salvaguardar para o bem dos povos. É bem sabido, e deve sabê-lo também, que num género de indústria que prospera, todas as partes que para ela concorrem se colocam em um tal estado de precisão e harmonia que é impossível tocar-lhes sem fazer cair o edifício. Mas aceito a sua explicação. Deseja continuar?

— Decerto, decerto. Esta nova indústria deverá então conduzir naturalmente à criação de outros ramos que lhe estão associados: a fição, a tecelagem, o branqueamento, a fabricação de drogas, a construção mecânica, o desenho, a gravação, a estampagem, o acabamento dos panos.

— No caso de Sua Majestade conceder o alvará, de que tipo de instalação iriam necessitar? — interrompeu Melo e Castro.

— O importante é que fique situado em Lisboa ou no seu termo — informou Magalhães — junto a linhas de água doce, limpa e abundante, quer no Verão, quer no Inverno. Será conveniente que disponha de prados com uma extensão à volta de dez mil jardas quadradas. Deverá ter edifícios térreos rondando as duas mil jardas quadradas. Tudo isto será, evidentemente, ajustável em função das soluções concretas que se forem encontrando.

— Qual é a firma sob a qual vai correr o negócio? — interessou-se por sua vez Seabra.

— Ó Seabra, deixe lá por enquanto essas questões — interrompeu-o

com aspereza o marquês. — Quero saber um pouco mais em relação às tinturarias e às cores.

— Com certeza, excelência, embora, infelizmente, tenha mais dúvidas que certezas, dado que os artistas são muito ciosos dos seus segredos — desculpou-se Magalhães —, mas vou transmitir a vossa excelência tudo de que tenho conhecimento, o que é deveras incompleto.

Nesse instante, pela porta entreaberta do gabinete esgueirou-se Blancheville que, aproximando-se do seu amo, lhe segredou ao ouvido algo que o levou a levantar-se de rompante e sair da sala.

Os três homens entreolharam-se, indecisos sobre a atitude a tomar e, assim, esperaram calados até que o marquês regressou muito animado.

— É encorajador verificar que este reino vai mudando e que as mentalidades se vão abrindo aos argumentos da nova ciência.

Agitando na mão um pequeno livro, dirigiu-se a Melo e Castro: — O Dalla Bella fez questão de vir pessoalmente oferecer-me o seu livro sobre raios, que gentilmente dedicou à minha pessoa.

E falando agora também para Magalhães: — Um frade bem conhecido andou para aí a dizer ao povo, e a escrever, que os raios são exalações incendiadas, despedidas com potência tal pelas nuvens que lhes permite infringir a sua densidade. E, a meu ver mais grave ainda, ensinava que é útil tocar os sinos das igrejas durante as trovoadas! Há uns tempos pedi ao senhor Dalla Bella, que é lente de Filosofia em Coimbra, que encontrasse argumentos contra tão estúpida superstição. Pois aqui está, preto no branco — e sacudia o livrinho na sua larga mão —, a prova de que a matéria que produz os raios não é outra senão a matéria eléctrica. E isto é eminentemente prático, porque explica qual a parte da matéria fulmínea capaz de atrair das nuvens os vapores eléctricos. E também quais os condutores metálicos que podem defender as fábricas, os paióis e as demais construções dos estragos dos raios. Vou de imediato mandar tratar da protecção dos palácios e das fábricas de Sua Majestade. Sugiro-lhe que vossa mercê faça o mesmo nas suas propriedades — concluiu o marquês, arrumando finalmente o livrinho na mesa. — Mas mais uma vez o interrompi. Peço-lhe que termine.

— Estou totalmente de acordo, excelência, na utilidade de protegermos os edifícios desse perigo imenso que todos os anos deixa um rasto de destruição na nossa terra. Tenho sabido que desde que o senhor Franklin o inventou, esse dispositivo se tornou habitual nas cidades da América. Também já os tenho visto em Londres e em Paris e sei que existem vários na Suíça.

— Ora aí está um bom negócio! — exclamou de súbito o marquês e, encarando Melo e Castro, declarou de dedo em riste:

— Fabricar condutores metálicos. As nossas fábricas de fundição de metais e a serralharia que instalámos em Alcântara poderiam produzi-los.

Melo e Castro, desorientado com a inflexão da conversa, titubeou: — Condutores metálicos...?

— É uma coisa simples. No fundo trata-se dum simples conjunto de peças metálicas que conduzem o fluido eléctrico das nuvens até às profundidades da terra, deixando no caminho não mais destruição mas apenas um forte silvo e, quando muito, um odor a chamusco.

Melo e Castro repetiu, embaraçado: — Odor a chamusco...?

— Bem, vamos lá então tratar de um assunto de cada vez — cortou o marquês vendo a atrapalhação do seu ministro. Dirigindo-se de novo a Magalhães, incentivou-o: — Por favor, peço-lhe que continue.

Magalhães não se distraía com todo aquele rebuliço e sabia bem o recado que queria transmitir. Aqueles minutos tinham sido preciosos para colocar as ideias em ordem, porque para falar de coloridos era necessário explicar o tipo de tratamento que sofriam os panos antes de serem estampados. Na verdade, a tingidura estava de tal modo associada à preparação dos panos que esta era, de certo modo, o início do processo.

— Assumindo que temos um pano de algodão em bruto, numa dimensão de dois e meio por cinquenta côvados, a primeira tarefa será a da respectiva lavagem e pisoagem para retirar o resto da goma.

Simulava os movimentos fortes e ritmados do pisão a bater no pano.

— Em seguida, desembaraça-se do seu pêlo, chamuscando-o, e novamente lavando e secando o dito pano no prado ou em râmulas apropriadas. Depois, prepara-se uma infusão numa celha de água fria para o tingir com galha moída ou pisada num pilão de pedra. Vai então à calandra, a frio, para esmagar os grânulos, o que irá permitir uma melhor impressão.

Representava agora o movimento lento e poderoso da calandra a alisar o pano.

— A partir desta fase, as coisas tornam-se muito secretas e nunca me foi dado acompanhá-las até final. Sei apenas que se o artista desejar um desenho de contornos a negro, esta cor é a primeira a ser impressa com a ajuda de pranchas de madeira de pereira ou de tília, onde foram previamente gravados os desenhos.

— E como é produzida essa cor? — interrogou o marquês.

— Não conheço nenhum detalhe, excelência, apenas que é feita à base de limalha de ferro fermentada em vinagre.

— Então, para cada cor há uma prancha que recebe o corante requecido?

— As cores de pormenor, como verdes e amarelos, são aplicadas com

prancha, ou mesmo com pincel, mas as principais têm outros segredos, como a utilização de mordentes.

— Mordentes... — O marquês inclinava-se por cima da enorme mesa, bebendo as palavras do outro. — Pode fornecer mais pormenores, senhor Magalhães?

— Infelizmente, excelência, esse é o segredo mais bem guardado dos tintureiros. Sei que são substâncias que se aplicam no pano com pranchas de madeira e que libertam esses mordentes invisíveis, tudo segundo as tonalidades ou matizes que pretendemos criar.

— Mas que baralhada é essa? — irritou-se de súbito Melo e Castro. — Aplicações de substâncias invisíveis que causam a aparição de diferentes cores!

— Não falei de cores diferentes, mas de cambiantes e matizes da mesma cor. E a estranheza de vossa senhoria é de todo natural, porque para se compreender o processo falta falar do banho de tintura.

— Hum, hum. Deve ser como o que utilizamos para as lãs — aventou Melo e Castro.

— Não exactamente... — Magalhães só lentamente revelava o que sabia. — Após a aplicação dos mordentes, o pano é seco, de preferência na mesa, depois no prado, após o que é lavado e enxaguado. Se pretendermos cores brilhantes, é passado com bosta de vaca, caso contrário, vai logo para ruiva.

— Então ficamos com o pano todo avermelhado — concluiu apressadamente Melo e Castro.

— Não, só o sítio que apanhou o mordente é que vai agarrar a cor. Bom, o fundo do pano fica com um tom rosado, mas isso soluciona-se com o branqueamento.

— Que é exactamente o quê?

— É simples: o pano é colocado no prado, bem esticado, com o desenho estampado voltado para baixo e é borrifado com água pura sete ou oito vezes por dia, durante cinco ou seis dias, dependendo da força do Sol. Os eflúvios gasosos da erva combinados com a luz e o calor fazem o resto.

— Então, finalmente temos o pano pronto.

— Ainda não. De momento só temos o preto e o vermelho e não há nenhuma chita de qualidade que não tenha quatro, ou cinco, cores se contarmos com o preto. O azul, o verde e o amarelo podem ser aplicados com prancha ou pincel, mas habitualmente o azul é aplicado através da reserva.

— Reserva...?

— Protegem-se as partes que não queremos colorir de azul, com a ajuda de cera quente, após o que a peça é mergulhada numa cuba com índigo.

— E temos o pano pronto!

— Se queremos uma chita de superior qualidade, há que lhe dar uma última passagem a quente na calandra para ganhar lustre e um alisamento final com pedra de ágata. — Magalhães calou-se, satisfeito.

— Estamos muito impressionados! — proferiu o majestático Carvalho e Melo, contendo um bocejo teimoso. — Mas a complexidade do processo que tão bem acabou de descrever não deixa de me inquietar. Tanto passo diferente, tudo tão novo e tão dependente dos saberes de estrangeiros... É estranho bastante que apenas com as cores que referiu se possam fabricar os estofos sumptuosos que já tenho apreciado.

— De facto assim é, excelência. Daí a necessidade de dispormos de um colorista que possa combinar as poucas cores que sabemos produzir, de forma a gravar sobre os tecidos os desenhos capazes de agradar às senhoras para as quais, na sua maioria, estão destinados.

— E qual é a produção que estima? — inquiriu o marquês.

— Tenho que, com uma área de dez mil jardas quadradas, é possível ter dez estampadores a funcionar em simultâneo. Se adicionarmos as suas produções, teremos entre mil e mil e quinhentas peças por ano, um mínimo de cinquenta mil côvados de algodão estampado. Como hoje em dia importo em cada ano cerca de vinte e cinco mil côvados desses tecidos, penso que metade da sua venda estaria garantida.

— Vejo que tudo está pensado ao pormenor — reflectia o marquês —, falta só perceber com exactidão quem é esse mestre de quem tudo irá depender. — Voltou-se para José Seabra, num aparte: — É o momento de começar a pensar nos contratos.

— Tudo o que sei já o disse, excelência. É um homem reconhecido pelos maiores artistas e homens de negócios. Diz-se que conviveu com o conde de St. Germain no castelo de Chambord onde, sob a protecção da senhora marquesa de Pompadour, desenvolveram a arte das tintas que nunca descoram. Andará pelos trinta e tal ou quarenta anos. Tanto quanto sei, não contraiu matrimónio.

— É católico romano, o seu Larcher?

— Não saberia responder, excelência — escusou-se prudentemente o outro.

— Não será por acaso um desses novos enciclopedistas?

— Não disponho de mais informações, excelência. Poderei contudo tentar sabê-lo se tal for a vossa vontade.

— Não, não será necessário — e, voltando-se para o seu secretário: — Ó Seabra, já pensou no clausulado de um contrato?

— Clausulado propriamente dito ainda não, senhor marquês, mas já tenho um conjunto de questões que deverão ser respondidas para acautelar os interesses da Coroa.

— Vamos então ouvi-las.

José Seabra endireitou-se, aclarou a voz com tossidelas breves, abanou as mangas tufadas da camisa e encarando Magalhães de viés perguntou-lhe, ríspido:

— Que tipo de sociedade está vossa mercê a pensar estabelecer?

— A sociedade ficará estabelecida entre mim, que asseguro o financiamento, os alugueres necessários, a compra dos diversos móveis e das matérias-primas, incluindo as telas e as drogas, ficando também a meu cargo o comércio das chitas, e o mestre que será o responsável pelo tratamento dos panos, pela definição dos desenhos e respectivas cores, pela gravura das pranchas e pelas impressões, o que incluirá dirigir os operários da fábrica.

— Essas condições não são suficientes para nós — cortou Seabra muito seco e referiu de seguida seis regras a que deveria obedecer o negócio. Primeira: o mestre Larcher deveria tomar o firme compromisso de realizar na estamperia uma fabricação de tão bela e boa obra como a que se encontra nas melhores fábricas de França. Segunda: no primeiro ano deveria ensinar a dois outros mestres — a indicar pela Junta — o verdadeiro método das tintas fixas, pelo que seria recompensado à parte. Terceira: qualquer defeito de fabrico seria da sua inteira responsabilidade, excepto se ficasse provada uma diferente causa. Quarta: ficaria estatuído que, se não respondesse aos compromissos ou se revelasse incapaz de os assumir, veria de imediato rescindido o seu contrato. Quinta: deveria consentir uma hipoteca sobre todos os seus bens como garantia desse compromisso, caucionando Magalhães este cumprimento com o seu próprio património. Sexta: Magalhães deveria comprometer-se a comprar o fio e as telas às fábricas de Almeirim e Alcobça, e a encomendar todos os equipamentos necessários à fábrica de Paço de Arcos ou ao Arsenal do Exército.

Em contrapartida, a Junta do Comércio asseguraria a compra de todos os pintados produzidos nos primeiros seis anos de funcionamento, mas a um preço que nunca poderia ultrapassar o que se praticasse nos mercados de Paris. Asseguraria também uma instalação fabril, com um desconto de metade da importância devida nos dois primeiros anos e, se necessário, poderia assegurar os fundos de tesouraria para o arranque.

À medida que Seabra destilava o seu veneno, Magalhães ia gelando. Aquelas condições eram inaceitáveis. *Teriam sido previamente combinadas?*, perguntava-se mas quer Melo e Castro quer o marquês tinham baixado sobre as suas faces viseiras inescrutáveis.

Magalhães estava sozinho, afrontando o perverso poder de um pequeno e maldoso país, e teve medo. Apesar das amigáveis palavras que o marquês já lhe dirigira, sentiu a fragilidade da sua situação e não quis arriscar.

— Eu e o meu associado não previmos algumas dessas condições e deverei pô-lo ao corrente. Terei portanto de aguardar a sua resposta.

— E qual é — atalhou abruptamente o marquês — a sua opinião sobre as nossas propostas?

— Têm um lado positivo, excelência. Diminui o risco do negócio porque o erário apoia os fundos de tesouraria necessários para o arranque, embaratece a instalação e evita armazenamentos prolongados — Magalhães hesitou por um instante —, mas tem um lado negativo que é a de exigir a hipoteca dos bens pessoais dos seus sócios e a compra do fio e dos panos em cru às fábricas nacionais, independentemente da sua qualidade.

» Quanto ao ensino da verdadeira composição das tintas fixas, não me posso pronunciar, mas vejo-o virtualmente impossível, excepto se a recompensa atingisse um montante astronómico.

— O que significa um montante astronómico? — inquiriu o marquês, verrinoso.

— É difícil responder porque varia de pessoa para pessoa e até talvez com a própria ocasião. Teríamos de o relacionar com o homem a quem se destina, o momento e circunstância em concreto.

— A vida poderia ser uma dessas recompensas? — insistiu o marquês, sardónico.

Era o jogo do gato e do rato. O marquês divertia-se a atrapalhar o ratito perdido em campo aberto, mas Magalhães tinha demasiado mundo para se imobilizar a um canto com os bigoditos a tremer e contra-atacou:

— Que eu me lembre, excelência, essa recompensa não me foi ensinada nas aulas de comércio. Na escrituração em partidas dobradas não aparecia nenhuma coluna de vida. Só uma coluna do «deve» e outra do «haver». Talvez tivesse sido uma falha do lente da dita aula.

— Ah, ah, essa é boa! — aplaudiu o marquês. — O bom do Jacquieri de Salles tinha falhas nos seus conhecimentos... Aquela rápida conversação à Santa Madre Igreja foi seguramente uma dessas causas — ironizou, já desanuviado. Levantou-se, então, deu a volta à grande mesa e postou-se em frente de Magalhães que se soerguera da sua cadeira. Do alto da sua estatura tocou-lhe o ombro como quem arma um cavaleiro e disse:

— Vou ser muito claro. Sua Majestade e eu próprio queremos que a nação possua esse segredo das tintas. Se vossa mercê for o meu leal ajudante na realização deste imperioso desejo, nunca se irá arrepender. Mas eu quero esse segredo, entendeu bem? Custe o que custar... Posso confiar-lhe esta missão?

Infantilmente, Magalhães limitou-se a acenar que sim porque, mesmo que soubesse o que responder, o nó que sentia na garganta estava tão apertado que não deixaria passar o mínimo som.

III

O IMBRÓGLIO DA LÃ

Martinho de Melo e Castro repousava as mãos no espaldar da cadeira. O seu irmão Bernardo segurava o mais firmemente que conseguia a mão esquerda com a direita tentando controlar o tremor que as assaltava.

Carvalho e Melo media a sala a largas passadas coléricas, as mãos repuxando a casaca, os canudos frisados da cabeleira um pouco à banda. Ia e vinha, ia e vinha... A tensão na sala era quase palpável. Finalmente, voltando-se para Martinho de Melo e Castro, explodiu:

— Ainda no outro dia garanti pessoalmente a Sua Alteza que tudo estava a funcionar bem, e agora em finais do mês de Novembro é que me vêm dizer que há problemas destas dimensões! — Após aguardar em vão uma resposta, prosseguiu ameaçador:

— A sua cabeça e a do senhor governador vão responder por isto. — Um dedo ameaçador em riste estava apontado aos dois irmãos.

Com os costumados dois toques discretos na porta, Blancheville interrompeu a cena, anunciando um homem calçado com botas de couro de cano alto, um chapéu mole enrolado na mão esquerda, as costas cobertas por um capote castanho de burel. A cara era redonda, de tez amarelada, o cabelo castanho caía em desalinho sobre o pescoço, o nariz papudo debruçava-se sobre uns lábios finos e pálidos. O recém-chegado era Bento Pereira Barreto, o superintendente das lãs da província do Alentejo.

O marquês prosseguiu durante mais um momento no seu furioso movimento, depois encarou-o e ordenou:

— Explique-me muito bem todo esse imbróglio da lã na fábrica de Portalegre, senhor superintendente.

Barreto engoliu em seco e num fio de voz explicou a situação. Como até ao mês de Outubro do ano anterior, os juizes de fora e ordinários dos vários distritos que forneciam lã à Real Fábrica não haviam enviado a relação anual de lãs produzidas, conforme determinado por El-Rei em competente alvará, tinha feito as encomendas de lãs aos criadores mais abastados das terras próximas, propondo-se adiantar parte do pagamento, mas verificara que alguns já tinham apalavrado a venda com pequenos fabricantes e até com comissários. Tinha chegado à fala com alguns destes comissários com a intenção de recomprar as ditas lãs, mas tinha tido dificuldades, especialmente com um tal Francisco Mailhol que comprara enormes quantidades para negociantes da praça de Lisboa e para comerciantes ingleses. Igualmente se apercebera de que alguns ingleses faziam directamente esse comércio na província, dispondo inclusive de lavadouros próprios em Estremoz. Também soubera que muita da lã era contrabandeada para a Estremadura espanhola e muita outra seguia para o Norte, sobretudo através da feira de Évora.

Carvalho e Melo, que havia reiniciado o seu movimento pendular pela sala, resmungou entre dentes: — O Mailhol, esse bandido...

Barreto interrompeu-se, olhando temerosamente para o marquês mas, atendendo ao seu silêncio, informou com inocente franqueza que, na sua opinião, a fuga da lã da fábrica de Portalegre se devia ao valor demasiado baixo que se oferecia aos produtores. Que o preço oferecido fora de 2\$200 réis por arroba, incluindo lã de toda a qualidade; ora a grossa comerciava-se naquele ano entre 2\$700 e 3\$000 réis e a fina, que ninguém queria, a 1\$800 réis.

Apesar de todas estas dificuldades, tinha conseguido apalavrar a quantidade necessária para o ano seguinte e na Primavera os velos tinham começado a chegar, conforme aprazado. Porém, tivera conhecimento de que no início dos trabalhos de apartar, lavar, varejar e escolher, não se examinara a lã tosquiada para ver se trazia terras, barros, pedras ou se estava molhada (aumentando assim dolosamente o seu peso) e, portanto, os trabalhos de preparação para a fiação tinham-se prolongado, acarretando custos desnecessários.

E mais não sabia dizer, excepto que mal tomara conhecimento desses sucessos, logo organizara os contactos com os produtores de forma a evitar que se repetissem este ano. E que contra os prevaricadores do ano anterior não pudera tomar medidas pois no momento da entrega, após pesagem e pagamento, não houvera o cuidado de registar as respectivas origens e, pelo contrário, toda a lã tinha sido misturada.

Quanto ao mais, estava às ordens de sua excelência para pagar pelos seus erros.

O marquês sossegou-o, dizendo-lhe que tinha cumprido o seu dever e que em devido tempo o poriam ao corrente das medidas para que tais sucessos não se repetissem nem neste ano, nem em nenhum outro, e dispensou-o com gestos secos. O superintendente, com o chapéu escondido atrás das costas, abandonou a sala às arrecuas, acenando com a cabeça em vénias humildes, deixando os dois irmãos a enfrentar a fera.

A situação era deveras embaraçosa mas nada do que tinha sido dito constituía novidade ou surpresa, pois o verdadeiro responsável por toda aquela situação era o próprio marquês, devido à pressa teimosa com que quisera pôr a fábrica de Portalegre a produzir.

Tudo se desenvolvera de forma assaz atabalhoada. Bernardo de Melo e Castro lembrava com desalento o momento em que recebera ordem urgente para que encontrasse um local para instalar uma grande fábrica de lãs finas no Alentejo, e aliciasse homens para apostarem os seus cabedais nesse empreendimento.

Na qualidade de governador da província possuía um conhecimento directo e pormenorizado das suas povoações e das suas gentes, mas pouco conhecia do negócio da lã. Tinha a ideia de que era importante dispor de operários com discernimento e experiência e que seria útil a existência de pastorícia de ovinos. Sobre instalações, equipamentos, ferramentas e demais materiais, não tinha qualquer noção, de modo que solicitou o apoio de Mailhol, grande conhecedor do ramo, que não o regateou.

Logo Mailhol o alertaria para a necessidade de se encontrar um local com abundância de águas. Ora bem sabia ele como era crónica a escassez de água na província.

Após enervantes correrias e pesquisas, numas serranias perto da raia, numa povoação que já havia sido cabeça da diocese — Portalegre — encontrara-se um conjunto assinalável de fontes, embora dispersas e de caudais reduzidos.

Deu-se a circunstância de nessa vila existir desaproveitado um antigo convento e colégio de padres jesuítas, de ampla e sólida construção que, segundo a opinião abalizada de Mailhol, serviria para o efeito.

Fora então decidido aproveitar esses edifícios, sabendo-se embora que uma construção de raiz permitiria uma superior adaptação à função fabril.

O pior foi encontrar quem se interessasse pelo investimento. Não só ninguém se apresentou, como até surgiram localmente reacções negativas a que se pôs cobro com as devidas manifestações de autoridade.

Na verdade o povo não via com bons olhos a utilização do antigo convento para funções profanas e, muito particularmente, do templo, há quase

dois séculos consagrado pela Santa Madre Igreja ao culto de Deus Nosso Senhor e do seu filho, São Sebastião.

Mas as razões régias sobrepõem-se sempre aos interesses individuais e as obras avançaram. A despesa foi tanta que logo no ano seguinte os fundos se esgotaram. Carvalho e Melo interviu e Sua Alteza ordenou o financiamento das restantes obras pelo cofre dos faróis e pelas verbas das alfândegas.

Apesar da temporária falta de fundos, com a colaboração e o saber do inextinguível Mailhol, foi possível montar um primeiro tear e iniciar a tecelagem no dia 8 de Abril de 1771, para grande júbilo e alegria de todos, sobretudo do marquês, que assistia assim à coroação da sua própria teimosia.

Infelizmente o cortejo dos problemas tinha apenas começado. Nesse mesmo Agosto, uma visita do experiente director-geral da fábrica da Covilhã levantou duas importantes objecções: as águas eram afinal insuficientes e os espaços para os teares escassos e inadequados.

Bernardo de Melo e Castro não se deixou abater pelo contratempo.

Devidamente apoiado pelo irmão que, após cuidadosos conciliábulos, tinha convencido o marquês da imprescindibilidade de obras de engenharia hidráulica, lançou-se nos homéricos trabalhos de conduzir desde a serra até à Corredoura de Cima, onde se erguia o vulto maciço do colégio de São Sebastião, toda a água necessária ao seu funcionamento, o que desagradou sobremaneira as populações, mas a vontade d'El-Rei e dos seus ministros naturalmente sempre prevalece.

Quanto ao espaço para os teares, em breve a solução ideal brilhou na sua mente. Como o espaço mais amplo do conjunto de edifícios do antigo colégio era precisamente a igreja, de ampla nave única ao gosto jesuíta, os irmãos tomaram a decisão de a ocupar com os ditos teares. Quando constataram que na ampla nave não cabiam todos os necessários, decidiram dividir ao meio o seu alto pé-direito.

Entretanto o capitão-engenheiro Tomás Vila Nova e Duarte Powel haviam chegado a Portalegre para a direcção dos trabalhos. De imediato se desentenderam sobre a solução para a construção desse piso intermédio. Vila Nova entendia que se devia construir um andar de abóbada assente em colunas e Powel era de parecer que a solução correcta seria a construção de um leve sobrado de madeira. A opinião deste último prevaleceu e Vila Nova, vencido mas não convencido, dedicou-se então apenas aos trabalhos de encaixar a água das fontes e nascentes da serra.

Presentemente, os encaixamentos estavam longe de estar terminados. As obras nos edifícios progrediam lentamente e havia dias em que o número de carpinteiros, pedreiros, mineiros e quejandos era três vezes superior ao dos tecelões, tosadores, tintureiros e apartadores; em consequência desta

nova Babel, ainda não tinha sido possível organizar correctamente o processo de fabrico dos panos...

E assim ali estavam como alunos malcomportados aguardando que o colérico passeio terminasse e lhes fosse lida a sentença. O marquês estacou. Depois aproximou-se devagar dos dois irmãos e confessou:

— Eu sei. Eu sei que forcei demasiado, mas não vou recuar agora. Empenhei a minha honra. Vossas mercês vão pôr aquela fábrica a funcionar. Em Novembro do próximo ano, quero resultados. Estamos entendidos?

Acenaram que sim, resignados.

— Muito bem, então — rematou o marquês sentando-se no eterno cadeirão. — Vamos lá saber o que não funciona para além do abastecimento da lã. Ah, uma coisa sei de antemão que não funciona: esse tal Mailhol. O bandido trabalha para nós e compra lã aos produtores nas nossas costas abastecendo os nossos rivais. Quero-o fora da fábrica, e já!

Não valia a pena argumentar. Bem sabiam eles que Mailhol era competente e que despedi-lo iria piorar ainda mais as coisas, mas não havia nada que pudessem fazer em relação a isso.

— E a questão das águas. Já temos o abastecimento necessário?

— Continuamos com os trabalhos tal como projectados pelo capitão Vila Nova — esclareceu Bernardo —, mas saiba vossa excelência que por vezes a água não tem a força necessária para o funcionamento dos pisões.

Alarmado pela face subitamente alterada do marquês, interrompeu-se, obrigando o irmão a ir em seu socorro.

— Senhor marquês — disse serenamente Martinho —, as serranias que rodeiam Portalegre dispõem de numerosas linhas de água mas de pequena dimensão. Têm sido trabalhosas de encanar e dirigir para a fábrica. O seu caudal também varia bastante. Ademais tem sido necessário calcular os caudais a deixar à disposição dos agricultores para lhes assegurar a subsistência.

— Até parece que queremos matar a população à sede e à fome — barafustou Carvalho e Melo. — Bem sei que há água a rodos nessas cercanias.

— Sim, água não falta e nenhum dos seus proprietários se negou a fornecê-la. Não queria entrar em pormenores fastidiosos, mas saiba vossa excelência que para a canalização do Boi de Água foram desviados mais de treze anéis de água pertencentes a doze proprietários. Para a dos Capuchos não menos de dezoito anéis de treze casas diferentes e cerca de quatro para a canalização da Cerca das Freiras, captadas nas terras de seis proprietários. São, no total, mais de trinta e cinco anéis, ou seja, quase cem pipas por hora, dia e noite, pelo menos nas estações chuvosas.

» O problema é que a localização dos pisões não é a mais favorável para o aproveitamento hidráulico projectado, mas não se encontrou melhor so-

lução para eles. É opinião do senhor capitão que deveríamos construir uma arca suficientemente alteada para permitir às águas fluir com a potência requerida para as funções fabris. É essa mãe-d'água que estamos a projectar construir. Penso que o problema ficará assim resolvido.

— Espero que interesses particulares não estejam a enleiar os trabalhos, como é costume — rosnou o velho, fitando Martinho. — Sua Alteza Real é proprietário das águas que existirem e se não sobrarem para as couves e para as bestas, tanto pior! A minha fábrica vai ter toda a água de que precisa. É isso que vossa senhoria me está a dizer?

— Tanto quanto sei, o abastecimento estará garantido, exceptuando uma ou outra ocasião excepcional, como um Estio muito seco, mas com a construção da arca de água, tal não prejudicará em nada os trabalhos fabris.

— Essa arca de água irá servir exactamente para quê?

— Saiba vossa excelência que terá duas funções — respondeu Bernardo que recuperara entretanto o sangue-frio. — A primeira, a de apresar as águas e a segunda a de lhes dar maior força, mercê da queda a que ficarão sujeitas. O capitão Vila Nova estudou a solução e está seguro dos seus efeitos.

— Mas que dimensão terá tal construção? Que feitio terá? Será redonda, quadrada, ou o quê?

— Será um quadrado, excelência, com cerca de onze braças de lado e à volta de uma braça de fundo. Deverá assim alcançar as cento e vinte braças cúbicas, o que será suficiente para apresar um dia inteiro do caudal máximo de todas as águas encanadas — respondeu ufano Bernardo —, e toda essa estrutura deverá ficar a vinte e cinco palmos acima do nível do chão.

— Vinte e cinco palmos? — inquietou-se o marquês. — Isso são mais de duas braças! Como é que conseguem fazer subir a água a tal altura?

— Vamos ter de construir um pequeno aqueduto, excelência — pormenorizou Bernardo —, talvez com pouco mais de uma dúzia de arcos, para além de todas as canalizações ainda necessárias, porque, neste momento, só a do Boi de Água está terminada.

— Espero que as despesas estejam devidamente controladas. Mas, afinal, que fundos serão precisos para fazer face a tudo isso?

— Tenho os cálculos preliminares completados, senhor marquês — explicou Martinho. — Nas captações e canalizações do Boi de Água e da Casa Branca já se despenderam para cima de quinze contos de réis. Penso que para as dos Capuchos seja necessário outro tanto e para as da Cerca e Tapada das Freiras talvez quatro contos de réis. Para a construção da arca e das canalizações até aos muros da fábrica, previmos à volta de seis contos de réis. Um total de quarenta contos de réis, só para a hidráulica.

— Valha-me Nosso Senhor Jesus Cristo! Suspeito que essa fábrica vá ficar ainda mais dispendiosa que a das sedas. Ah, mas eu não irei transigir com a mínima quebra na qualidade. Que isso fique bem claro...

— É precisamente a propósito da qualidade que, em meu nome e no do meu irmão, tenho o dever de alertar vossa excelência para o perigo de despedir o senhor Mailhol, sem ter encontrado um substituto à altura.

— Já tomei a minha decisão em relação a isso, senhor ministro, pensei que me tivesse ouvido...

— Na verdade ouvi muito bem, senhor marquês, mas cabe-me avisar dos perigos que dela decorrem para o Real Erário e para a consolidação do prestígio da indústria destes reinos. Se tal empreendimento ficar sem a adequada orientação, poderá cair num desnorte de imprevisíveis consequências.

— Cabe a vossa mercê evitá-las! — cortou o outro cerce, obstinado.

— Adivinhando a benevolência e compreensão de vossa excelência, peço que me seja permitido expor uma outra dificuldade que temos enfrentado, eu próprio na Secretaria de Estado e na Junta, e os senhores governador e superintendente na Vila de Portalegre, em relação ao estabelecimento da Real Fábrica, que todos nós acarinhámos como um filho muito querido.

— Mais dificuldades? Irra, desembuche duma vez!!! — O marquês esbracejava, agitando as rendas tufadas dos punhos da camisa.

— No último ano e meio, dadas as obras de adaptação ininterruptas, o ambiente não gozou da estabilidade e da ordem necessárias ao aperfeiçoamento dos processos de fabrico — explicou Martinho de Melo e Castro. — Como exemplo, refiro que, no exacto dia em que o meu irmão e o senhor Barreto iniciaram a viagem para Lisboa, se acotovelavam nas instalações da fábrica setenta e dois operários fabris com outros cento e cinquenta e sete operários das obras, suscitando um clima naturalmente propício à desorientação e ao desleixo.

— Mas, ó senhor governador, esclareça-me lá. O que tem produzido todo esse povo, afinal? — O marquês dirigia-se directamente a Bernardo.

— Saiba vossa excelência que estão a funcionar dezasseis teares de pãnos e um de droguetes, e que não tem faltado fio para a sua laboração, o que significa que temos conseguido organizar a cardação de modo a prover de matéria-prima as nossas cento e duas rodas de fiar.

— Cento e duas rodas de fiar! — scandalizou-se Carvalho e Melo. — Mas isso significa cento e duas fiandeiras. Então o que é feito daquele maquinismo inglês de que o Mailhol tinha os planos e que as ia substituir?

— Apesar dos nossos esforços, não tivemos o sucesso que pretendíamos na sua construção, excelência — precisou Bernardo de Melo e Castro.

— Temos uma máquina já a funcionar e continuamos a corrigi-la, baseados nas experiências mas ainda não está em condições de substituir as rodas de fiar.

— O que me diz deixa-me sem palavras. Mas queira continuar a sua exposição, senhor governador. — O pedido cortês trazia latente uma ameaça que fez gelar os dois irmãos.

— Outra área em que estamos a trabalhar sem os resultados desejados é a da tinturaria — continuou o governador. — No curto período em que estive connosco antes de regressar à Covilhã, o mestre Ferreira da Silva formou o melhor que pôde dois aprendizes mas estes não têm conseguido resolver os problemas da fixidez dos tintes. Temos sido obrigados a tecer muito pano-cru e só ultimamente tem sido possível começar a tingi-lo com anil. Também temos utilizado a garança e a cochonilha mas até agora sem êxito. — Depois, confessou: — Significa que estamos a produzir apenas pano azul para fardamentos.

— Ah, também falharam nas cores... Mas ainda não ouvi nada sobre quantidades — persistia o marquês, azedo.

— Ah, sim, excelência, as quantidades — atrapalhou-se Bernardo. — Desde que em Junho começámos a trabalhar com dezasseis teares, tem sido possível produzir um pano dezocheno de sessenta a sessenta e cinco côvados por dia. Nesta viagem a Lisboa trouxemos dez panos com a nossa marca, dos quais fizemos a devida entrega ao senhor deputado da Junta do Comércio que superintende os lanifícios das fábricas reais.

— Estamos a falar de um total de seiscentos ou seiscentos e cinquenta côvados, não é verdade? — perguntou Carvalho e Melo, enquanto manejava uma das suas penas, aplicando-se em cálculos aritméticos.

Bernardo confirmou que sim.

— Os dezochenos são aqueles panos mais fracos, não é verdade?

— Saiba vossa excelência que são da mesma qualidade dos panos fabricados na Covilhã para os fardamentos.

— Muito bem — concluiu o marquês após consultar o papel à sua frente. — Então, pelas minhas contas, cada operário pontualmente pago por Sua Majestade fabricou por dia de trabalho três quartas partes de côvado dum pano medíocre, enquanto os operários da Fábrica das Sedas produzem no mesmo período três e às vezes quatro côvados de panos de elevada beleza e qualidade?!

Bernardo de Melo e Castro, atrapalhado, não conseguiu responder e pediu ajuda ao irmão com o olhar.

— Excelência — interveio aquele —, devemos atender a que as condições de trabalho têm sido desfavoráveis, que os jovens aprendizes não se mantêm connosco o tempo necessário para aprender os seus misteres, que

o povo não colabora... e parece que têm nessa recusa o apoio do clero local, o que também não tem ajudado.

— Que pesadelo... — comentou o marquês. — É tudo sempre tão difícil em Portugal. É pena que as barrigadas de religião nunca tenham servido para iluminar um pouco mais este desgraçado povo. Ultimamente, tenho sentido a diabólica tentação de desistir e deixá-los entregues para sempre à padralhada e ao seu fado ingrato.

Soltou um lento e profundo suspiro. Depositou em seguida, com precisão, a pena na sua imensa secretária. Lentamente, sem uma palavra, levantou-se, virou as costas aos dois homens e, abrindo a portada atrás de si, passou à estreita varanda de sacada, que dos altos da colina de Nossa Senhora da Ajuda dominava o Tejo e as altas margens da outra banda.

Um frio cortante penetrou na sala. O reposteiro adamascado protestava sacudindo as suas franjas enquanto, indiferente ao desconforto, de mãos pousadas na balaustrada e cabeça baixa, o marquês contemplava um ponto indefinido algures lá em baixo no pátio, onde as mulas golpeavam o lajedo com sonoras patadas.

Um silêncio constrangido caiu sobre a sala. Martinho de Melo e Castro já acompanhara o seu amo noutros momentos de desalento e sabia bem como deles sempre renascera forte e impiedoso. Não tinha responsabilidades pessoais na situação da fábrica mas sabia que para o marquês tal era irrelevante e que sombras inquietantes corriam rumo a si e ao seu irmão Bernardo.

O marquês regressou à sala, as rendas em desalinho, os olhos vermelhos do vento cortante e também do bálsamo *sulfuris* de que ultimamente abusava um bocadito.

— Só o amor que devoto ao Rei, meu senhor, e a aliança sagrada que estabeleci com quem pode mais do que nós, me encorajam a prosseguir e a carregar esta cruz — parecia falar consigo próprio. — Sozinho, se preciso for.

Esticou um dedo admoestador para os dois irmãos.

— Um ano é tudo o que têm. No próximo ano, quero resultados. Não aceitarei mais desculpas — e, interrompendo com um gesto a nascente resposta, retomou o seu lugar atrás da secretária.

— Transmitiu-me El-Rei — anunciou pomposamente — que é igualmente seu real desejo que seja organizada em Lisboa uma grande feira onde esteja patente toda a produção das fábricas deste reino para que todos possam avaliar os resultados do nosso dedicado labor.

Fez uma longa pausa, depois continuou:

— Os tecidos da Real Fábrica de Portalegre lá estarão também repre-

sentados em toda a sua beleza, carácter, variedade e graça. Disso não me resta a menor dúvida.

Martinho sabia que chegara o momento de intervir, mas ainda hesitava.

— Penso que talvez a Divina Providência se tenha encarregado de nos mostrar uma possível solução...! — Martinho tentava que a voz lhe soasse com um tom de convicção e optimismo.

O marquês fitou-o admirado e comentou:

— Ah, vejo que vossa mercê também se ocupa de milagres.

— Não, não será um milagre mas uma solução bem real que, se acompanhada pela conveniente diplomacia, poderá conduzir-nos a bom porto e resolver duma só vez vários dos problemas com que nos temos debatido neste empreendimento que a todos é tão caro.

— E que é...?

— Não vale a pena escamotear a verdade, porque ela brotaria cristalina diante de vossa excelência. — Martinho tentava dourar a pílula. — Ao deixar de contar com Mailhol na fábrica, ficaremos sem a pessoa que detém conhecimentos sobre tecelagem e operações de preparação e acabamento dos panos. Desaparece o nosso esteio na organização e a garantia de articulação dos diversos officios e misteres. A fiação não nos está a correr bem, dado que ocorre com atrasos que não conseguimos até agora recuperar. A sua qualidade está longe de ser a desejável. A tinturaria é de todos os sectores o que mais necessita de intervenção, quer no material, quer no equipamento, quer nas drogas e na tinturagem. As obras de adaptação do edificio não estão ainda terminadas e perturbam o funcionamento da manufactura. Temos tido problemas na aquisição dos velos e estamos neste momento com falta de lã em toda a província.

O ministro fez uma pausa, tentando interpretar a face impávida e sombria do marquês.

— Assim, sujeito à aprovação de Sua Alteza Real e de vossa excelência, sugiro que suspendamos a produção nos próximos meses até completamento das obras e que contratemos alguém experimentado na resolução dos problemas que nos afligem de modo que no final do próximo ano a Real Fábrica possa ser a corporização da vontade de Suas Altezas e do desejo do senhor marquês.

O marquês deixou cair a cabeça entre as mãos, aparentando profundo desânimo.

— Voltámos ao mesmo... dois anos depois, voltámos ao mesmo — lamentava-se. — Mas quem é esse salvador?! Se até agora não conseguimos encontrar esse homem providencial, onde é que diabo o vai desencantar dum momento para o outro?!

— Senhor marquês, suplico que me faça a mercê da sua confiança, porque acredito que esse homem poderá ser o mestre francês, associado do José Magalhães, aquele negociante que veio suplicar a Sua Majestade alvará para uma estampania.

— Eu sei muito bem quem é! Mas esse francês!? Deve perceber unicamente de algodões. E não estamos nós ainda a aguardar a resposta dele?

— Sim, excelência. Como o poderia esquecer? Mas talvez tenha chegado o momento de lhe propormos outro negócio: a concessão do alvará em troca da organização e funcionamento a contento da fábrica de Portalegre. Haverá só que decidir o que é mais importante e mais urgente: se Portalegre se as tintas.

— Parece-me que uma coisa não exclui necessariamente a outra, afinal de contas ambas poderão depender do mesmo homem...

Martinho tinha dúvidas que fosse assim tão simples, e certamente achava preferível ter um pássaro na mão do que dois a voar, mas bem conhecia o seu amo e sabia que aquele não era o momento para troca de opiniões. O que pretendia era falar de uma carta que recebera com informações muitíssimo interessantes.

— Fui informado de que o mestre Larcher é hóspede permanente em casa do duque de Choiseul.

— O Étienne!? A hospedar artesãos na sua própria casa!? A que se deverá tão subido privilégio?

— Não tenho explicação, excelência. Informaram-me que um tal Voltaire, a quem o senhor duque tem em altíssima estima, experimenta por esse mestre um grande apreço porque este em tempos o terá ajudado numa pequena manufactura na Suíça. E diz-se que Voltaire o terá apresentado a personagens bem pouco ortodoxas, o que o tornou suspeito aos olhos das autoridades. Parece ser essa a razão do seu asilo em Chanteloup.

— Ó Martinho, mas o que nos interessam a nós essas maquinações? — perguntou Carvalho e Melo.

— Excelência, diz-se que o mestre não pode abandonar o palácio sob pena de lhe ser dada voz de prisão, o que me fez perceber a razão do seu interesse súbito em vir para Portugal.

— Ah, bem vejo... bem vejo. Deveras interessante — aprovou o marquês subitamente atento. — Mas esse facto não o torna no nosso homem providencial para as lãs, ou torna?

Martinho abriu-se num sorriso misterioso e murmurou algo como «...aqui é que entra a Providência», sendo logo interrompido com pedidos de objectividade, de modo que teve de abrir o jogo.

— Excelência — proferiu ele em tom conspirativo —, há uns anos esse

mestre escreveu uma obra, *A Tintura das Lãs*, que dizem ser o compêndio do perfeito tintureiro.

— Isso é que é mesmo a Divina Providência — empolgou-se o marquês.

— E não fica por aqui, excelência — continuou o outro, muito ufano. — O homem passou dois anos a auxiliar as corporações de artes e ofícios de Lisieux na resolução de problemas graves que atingiam a tinturaria das lãs naquela cidade, e parece que com sucesso...

Tinha feito o seu discurso e pareceu-lhe que se saíra muito bem. Pelo que conhecia do seu amo, este não iria recusar aquela oportunidade.

— É atraente essa proposta, supondo que, na verdade, esse seja o nosso homem. — O marquês avaliava com agrado aquela hipótese com um vago sorriso a bailar-lhe nos lábios. — E o que o leva a pensar que ele e o sócio a aceitariam?

— É aí que entra a diplomacia. Vossa excelência tem-me ensinado que é sempre possível atrair qualquer homem se lhe oferecermos um meio de realizar os seus sonhos. Se levasse a sua boa vontade ao ponto de falar ao senhor Magalhães, quase certo que seria coroado de sucesso. Penso que o senhor secretário Seabra poderia em seguida, e com facilidade, redigir um novo contrato que satisfizesse os interesses e as aspirações de ambas as partes.

— Espero que tenha razão. Do fundo do coração o espero. Peço-lhe que trate do necessário com a urgência devida. No próximo domingo receberei esse Magalhães em Oeiras. Vossas senhorias virão também e poderemos almoçar e falar dos nossos assuntos com mais vagar.

E o velho estadista deu a audiência por terminada, puxando energicamente o cordão da sineta que soou abafada na antecâmara. Martinho de Melo e Castro e o seu irmão Bernardo, com largos sorrisos, onde à satisfação se misturava o alívio, curvaram-se em lentas reverências.

IV

O COMENDADOR ENCOMENDADO

Através da vidraça, Magalhães admirava o vulto imenso da fortaleza de São Julião, recortada contra o claro azul do céu, dominando a barra do Tejo do alto dos seus baluartes poderosos, que se agigantavam à medida que o trote vigoroso das mulas diminuía a distância.

Das três léguas de Lisboa a Oeiras, já teria percorrido bem três quartas partes. Tentou despertar do torpor causado pelo balanço e pela hora matutina. Puxou cuidadosamente a corrente de ouro do bolso do colete e consultou o seu *Breguet*. Passava pouco mais de meia hora das nove da manhã. Estava adiantado em relação ao combinado. Recostou-se no veludo anilado do assento e mais uma vez reflectiu sobre aquele encontro. A marcação da audiência não o surpreendera, mas o local sim. Ser chamado a Oeiras num domingo parecia-lhe sinal de cordialidade mas não deixara de o preocupar. Falara até sobre isso com D. Pedro de Andrade e Sousa, marquês de Arronches, fidalgo muito avisado e bom conselheiro, com quem mantinha sociedade nalguns importantes negócios e cuja opinião prezava muitíssimo.

D. Pedro logo o tranquilizara: a casa de Oeiras era para Carvalho e Melo um santuário. «Aí o lobo apenas repousa da matança.» Mas Magalhães não conseguia esquecer as tintas e o inquietante aviso: «Custe o que custar...»

Avistava agora o moderno cais que pela grande estrada do Tejo dava escoamento aos produtos agrícolas dos senhores de Oeiras. Tudo se apresentava totalmente deserto. Um largo canal por onde passava uma rápida corrente em soturno silêncio foi o sinal para fazerem rumo à Quinta de Bai-

xo. Pouco depois, o trote das mulas levou-o até um grande portão guardado por dois dragões mal-encarados.

Um lacaios de tricórnio, simples camisa branca e botas altas de cano mole, fazia de porteiro e franqueou-lhes a entrada após uma animada troca de palavras com o cocheiro. Os animais seguiam a passo pelo crepitante solo saibroso, por entre sebes de buxo aparadas com simplicidade, num trajecto perfumado pelas laranjeiras que deixavam entrever árvores de grande porte e extensos roseirais. Distingua-se a mancha rosada dos muros do palácio, interrompidos pelas fiadas de janelas com os seus aventais de pedra, protegidas por robustas grades de ferro. Via-se agora muito povo. Homens, mulheres e crianças em trajes domingueiros encaminhavam-se para poente. Em breve a carruagem, deixando a capela pelo lado esquerdo, entrava num largo terreiro e, numa manobra de precisão, os travões a guincharem em protesto, virava abruptamente para um pátio fronteiro ao palácio.

A frontaria norte erguia-se imponente e no frontão triangular que sobre a entrada rematava os três andares, avultava a estrela de oito pontas das armas do primeiro marquês de Pombal. A sege estacou junto ao patamar térreo da escadaria a cujas balaustradas assomaram serviçais. Um deles desceu pressurosamente e enquanto aguardava que o cocheiro abrisse a portinhola e baixasse o degrau, saudou o visitante com uma pequena vénia cerimoniosa:

— O senhor marquês aguarda vossa senhoria.

Magalhães seguiu o rapaz pelos largos degraus lajeados, passou por um enorme átrio e entrou numa pequena sala onde o aguardava a transparência convidativa da água, numa grande bacia de faiança do Rato.

Enquanto se refrescava, o criado sacudiu o pó da casaca cor de mel com uma escova de cerdas de javali, passou um pano nos sapatos de fivela, compôs-lhe os folhos da camisa, repuxou-lhe as pontas do colete cor de malva e ajeitou-lhe o laço sobre a nuca.

Magalhães gostou de contemplar a sua imagem refrescada no claro espelho veneziano, e seguiu novamente o criado até este lhe franquear uma outra porta. Era um salão recoberto de estuques lavrados, pintados de cores suaves com um subido grau de perfeição e beleza. As paredes e tectos eram iluminados por uma luz coada pelas cortinas de cambraia, velando janelas de sacada com estreitas varandas protegidas com balaústres de metal. Para além das vidraças e por entre os ramos das árvores, entreviam-se partes do jardim e da quinta. A decoração misturava estilos com um gosto um tanto discutível. Aproveu a cena campestre reproduzida no estofado lavrado de um elegante *fauteuil* de costas ondeadas ao estilo francês, sobressaindo entre os austeros espaldares de cadeiras de estilo português.

A chegada do marquês de Pombal foi anunciada e logo este apareceu,

trajado de casaca e calções de cetim cinzento-cerúleo, discretos bordados nas palas dos bolsos e meias de seda anil. Vinha seguido por um jovem que envergava um moderno colete cor de pinhão e pelos irmãos Melo e Castro.

— Seja bem-vindo ao meu humilde refúgio, senhor Magalhães — saudou o marquês com um sorriso prazenteiro, e apontando para o jovem, apresentou-o:

— O conde da Redinha, meu segundo filho varão, D. José Francisco Xavier, que há muito gostava de o conhecer, porque se tem interessado bastante pelo comércio e indústria.

— Saiba vossa senhoria que de mim não poderá nunca receber lição alguma que pelo exemplo do seu augusto pai não se lhe tenha já tornado familiar — contrapôs Magalhães com estudada cortesia —, mas serei um seu criado para as ilustrar com alguns raros exemplos.

— Não seja excessivamente modesto, caro senhor, e de resto teremos oportunidade de verificar que tem para nos ensinar muito mais do que imagina — ironizou Carvalho e Melo. — Vamos começar o nosso dia assistindo ao Ofício Divino celebrado por Sua Eminência, o bispo de Beja. A senhora marquesa e as minhas duas filhas mais novas, D. Maria Francisca e D. Maria Amália, estarão também presentes. Convidei para nos acompanhar os senhores Martinho e Bernardo de Melo e Castro que já conhece, não é verdade?

Magalhães assentiu com um gesto e o marquês prosseguiu:

— Tivemos muita sorte com o tempo, porque um céu assim azul em Dezembro é verdadeiramente uma graça de Deus, mas vem a calhar para visitarmos a quinta com conforto. O que me diz da decoração? — E mostrava com um gesto vaidoso as paredes do salão.

— Belíssima, excelência, belíssima. Perguntava há pouco a mim próprio se não haveria nela um certo gosto italiano.

— Pois acertou. Saiu tudo da cabeça do senhor Grossi, um milanês que está connosco e que é desde há algum tempo lente na nossa Escola de Estuques. Foi ele que ensinou e orientou os oficiais e aprendizes da fábrica, conseguindo este trabalho a todos os títulos notável. E, já que é apreciador desta arte, deverá gostar ainda mais da nossa capela. O Senhor Núncio até me confessou que nem nos Estados Pontifícios viu melhor.

A pequena comitiva seguiu por um estreito corredor, atravessou duas pequenas salas e penetrou no coro do pequeno templo. Desfrutava-se aí de uma vista sobre o espaço aberto do cruzeiro. Nas frisas laterais, as senhoras da família e as criadas, de mãos postas, os cabelos cobertos por rendas pretas, aguardavam em silêncio. A um gesto discreto do marquês iniciou-se a Santa Missa.

Magalhães reparou que o marquês e o conde da Redinha participavam

na celebração com circunspecção. Ele próprio a seguia com o automatismo dos anos de prática. A sua atenção, porém, era mais atraída pela rara harmonia dos estuques que serpenteavam nos tectos e nas paredes, parecendo acompanhar as volutas da elaborada música sacra que ressoava na capela. Sob as rendas dos leves véus, os olhos negros das marquesinhas despediam frechas de bem-humorada curiosidade.

No final, os cavalheiros encontraram-se com as senhoras numa pequena sala de passagem. Destacava-se do grupo a alta figura da senhora marquesa, cabeleira empoada à Pompadour, num vestido de crepão acetinado com reflexos azul-celeste, o seio ornado de colares, o sapatinho de seda bordado a fio de seda palhetada a prata. As marquesinhas usavam os belos cabelos discretamente apanhados com singelas fitas armadas de flores, vestidos de tafetá verde-mar e cor de romã, as mangas dos corpetes descendo até ao pulso, os jovens colos discretamente velados por elegantes lenços de musselina creme e pequenos aventais de cambraia enfeitados de rendas.

A senhora marquesa aceitou os cumprimentos dos convidados após o que, dando o braço ao esposo, se encaminhou para o pátio.

Os jardins eram virados a poente. Das altas balaustradas divisava-se parte da quinta. Pequenos buxos ao gosto francês rodeavam um pequeno lago, onde as senhoras e as camareiras se entretiveram a atirar migalhas aos peixes decorativos. Ao grupo tinha-se entretanto juntado frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, bispo de Beja.

— Então, Dom Manuel, o que me diz da música que escolhi para hoje?

— Divinal, senhor marquês. Pareceu-me reconhecer o talento do nosso Francisco de Almeida. Acertei?

— Em parte, Dom Manuel, em parte. O *Magnificat* era dele, mas o *Gloria* e o *Laudate* têm uma outra origem: trouxe-as comigo de Viena, porque vendiam estas partituras pelas ruas quando lá estive em missão. A senhora marquesa gostou muito delas, de modo que as comprei por um punhado de libras. Parece terem sido compostas por um padre italiano já ao tempo falecido. De quando em vez, mando tocá-las, porque as acho belíssimas.

E, mudando de tema, perguntou:

— E quanto às nossas escolas, Dom Manuel? Diga-me se não estamos decididamente no caminho certo. Se nos não podemos comparar com qualquer outro país europeu? Já acredita agora que ainda vamos a tempo de salvar este reino?

— Nunca duvidei, senhor marquês, mas confesso que no início o panorama era tão desesperante que foi necessária alguma teimosia para persistir. Felizmente que tudo se compôs e com a graça de Deus daqui a dois anos deveremos atingir o milhar de mestres e professores.

— Apesar de alguns mestres pretenderem desistir, segundo me consta — interveio trocista Martinho de Melo e Castro.

— Ah, ah! — Dom Manuel riu bem-disposto. — É a excepção à regra, senhor ministro. — Tapou discretamente a boca com a ponta dos dedos. — Esse que refere é mais poeta que mestre de meninos; parece que o seu sonho é abandonar a cadeira e a palmatória, mas, até agora, nada feito, vai ter de continuar a divertir-nos com as suas quadras.

— É na realidade muito engraçado esse mestre Tolentino — ripostou Martinho de Melo e Castro —, não há mês que não receba pelo menos um pedido seu em verso. Num dos últimos ameaçava-nos, a não ser satisfeita a sua pretensão, de cavar a sua sepultura no pátio da escola com o auxílio da sua palmatória.

— Mas se esse mestre quer abandonar o ensino, qual será o inconveniente de satisfazer a sua petição de imediato? — inquiriu o marquês.

— É que — explicou Melo e Castro — esse mestre escola quer em troca um lugar de oficial numa Secretaria de Estado, excelência. Nada mais, nada menos. E não tem nenhuma habilitação que o favoreça, porque se limitou a frequentar a universidade em Coimbra, mas sem ter concluído estudos.

— Bom, são assuntos seus que resolverá como entender — declarou terminante Carvalho e Melo. — O que eu gosto é de ouvir falar da acção dos mestres e professores que não querem desistir. Daqueles que dia após dia formam a juventude destes reinos, do Minho ao Algarve, da Estremadura às Beiras, nas Ilhas do Atlântico, e que desde o ano passado estenderam essa acção aos nossos domínios do Brasil, de Angola, das Índias...

— É uma visão grandiosa. Um grande projecto que vossa excelência criou, animou e sustenta — respondeu Dom Manuel —, e que irá fazer a diferença nesta geração e nas vindouras. Porque as riquezas vêm e vão, deixando quantas vezes um rasto de desolação, ao invés do bem-estar e da grandeza que anunciam. No mundo moderno só o saber emancipa os povos e as nações, e a sua defesa e protecção assenta nas primeiras letras alargadas a todos os jovens.

Dom Manuel interrompeu-se, perscrutando com o olhar a anuência do marquês que o encorajou com um discreto movimento de cabeça.

— Estive durante a semana a actualizar as nossas listas — continuou — e lembro-me de que, entre professores régios e particulares, temos quinhentos e sete mestres para as aulas das primeiras letras onde se ensina a ler, escrever e contar e o que é mais congratulante, temo-los distribuído de forma equilibrada por todo o território: mais de cento e quarenta nas Beiras, cerca de noventa na Estremadura, setenta no Alentejo, dez no Algarve, dos quais três na Vila Nova, que, conforme vontade de Sua Majestade, irá

brevemente ser erigida na foz do Guadiana junto à Ermida de Santo António da Arenilha.

— Nem de propósito, Dom Manuel — interrompeu o marquês —, acabei de aprovar os planos do capitão Reinaldo dos Santos para essa Vila Nova. A sua construção terá início em Janeiro. Segundo o senhor capitão, vamos ter a possibilidade de admitir moradores já no próximo Verão. É óptimo dispor desses três mestres para as crianças da povoação.

Depois, inquiriu directamente Magalhães:

— O que me diz da nova dinâmica deste país, senhor Magalhães? Tem visto melhor nas suas viagens pela Europa?

Distraído a admirar o braço roliço da marquesinha mais nova, concentrada na tarefa de alimentar os peixinhos vermelhos do lago com gestos graciosos da sua mão semimergulhada na água, Magalhães não soube o que responder e limitou-se a sorrir, a sacudir aprovadoramente a cabeça e a murmurar:

— Sim, impressionante, deveras impressionante...

Depois, questionou Dom Manuel:

— O ensino resume-se portanto a ler, escrever e contar?

— A base é essa, realmente, mas nos estudos menores também já dispomos de cerca de duzentos e quarenta professores de gramática latina e de mais de cento e vinte para ministrar a língua grega, a retórica e a filosofia — esclareceu Dom Manuel do Cenáculo, gratificando Magalhães com o seu sorriso bondoso.

— E em relação a línguas estrangeiras, como o francês ou o inglês, está planeada alguma aprendizagem? Digo isto, porque será cada vez mais necessário nos contactos comerciais entre as nações.

Carvalho e Melo franziu um sobrolho desaprovador e travou a resposta iminente de Dom Manuel.

— O francês e o inglês são importantes para o comércio, senhor Magalhães, não ponho isso em causa, mas temos de conhecer o país em que vivemos. Há quinze anos, era raro o comerciante que sabia ler e escrever, e um punhado possuía noções de aritmética elementar. Hoje, temos centenas de guarda-livros, empregados na indústria, no comércio e na administração. Todos sabem arrecadar livros, sabem a técnica da redução de medidas de dinheiros e de pesos, dominam a inteligência dos câmbios, dos seguros e das apólices. Conhecem a escrituração mercantil pelo método italiano. Sabem escrever e ler na sua língua materna e diria que alguns, raros, têm umas luzes de outras.

— Compreendo, excelência, mas eu teria dificuldades nos negócios se não pudesse falar directamente com os meus parceiros de outras nações — interrompeu Magalhães de modo um pouco intempestivo.

O marquês suspendeu o seu discurso e durante um breve instante encanou-o em silêncio. Porém, as gargalhadas cristalinas das marquesinhas foram uma oportuna lufada de alegria e o velho logo desfranziu o cenho.

— Vamos lá pedir o conselho dos poetas, Dom Manuel. — E, abraçando Magalhães pelos ombros, dirigiu-o delicadamente para as amplas escadarias de lanço duplo que desembocavam nos jardins, no que foram seguidos por Dom Manuel.

Os irmãos Melo e Castro deixaram-se ficar para trás na companhia do conde da Redinha.

Alinhavam agora os seus passos lentos sobre o trilho perfumado pelas laranjeiras e limoeiros. Atravessaram a pequena ponte de pedra que vencia o canal onde uma rápida corrente rumorejava. Aí detiveram-se sob os raios mornos do Sol de Inverno, rodeados pelo cantar das águas.

— Vou então ser-lhe franco — proferiu então Carvalho e Melo. — Durante todo o seu reinado, Sua Majestade tem aplicado os seus reais esforços no sentido de conduzir Portugal para fora de um vórtice maligno que a não ser assim nos teria arrastado de modo inelutável para a destruição.

Continuavam a caminhar para a estranha cascata rochosa que Magalhães já tinha entrevisto de longe.

— Como decerto sabe, só no passado dia 21 de Julho, Sua Santidade extinguiu no mundo aquela maligna companhia, dita de Jesus, que El-Rei meu amo expulsou dos seus domínios, já lá vão catorze anos. Durante séculos, essa ignóbil companhia apertou num abraço mortal as inteligências deste reino, que estiolaram à força de preces e novenas, e da mais devotada e cega entrega aos ditames cruéis de uma religião que, pregando o Bem, espalhava afinal as sementes do Mal.

Estavam agora junto à cascata e Magalhães pôde admirar uma espécie de enorme gruta, guardada por figuras mitológicas, enquanto a água que se despenhava deixava no ar uma poalha líquida que cintilava à luz do Sol.

— A Companhia era o ensino neste país e quando foi da real vontade expulsá-los, Sua Alteza e eu próprio vimo-nos na contingência de começar tudo de novo — continuou o marquês. — Muito se trabalhou, e dos Estudos Menores à Universidade tudo resplandece hoje a uma nova luz, mais moderna, mais europeia. Acredita-se no Homem e na Ciência, mas continuamos a respeitar e honrar a Deus e aos nossos governantes.

O marquês fez uma pequena pausa, como se hesitasse, mas logo continuou:

— E aí é que bate o ponto, senhor Magalhães, aí é que bate o ponto... Vossa mercê é uma pessoa viajada e eu também vivi vários anos nos centros das mais preclaras civilizações e aprendi que os homens não se transfor-

mam numa única geração. O homem civilizado é o cume de uma longa cadeia de pequenas vitórias sobre a nossa fatal natureza. E essa cadeia tem o seu tempo de gestação. Não deve ser inquietada por dúvidas quando ainda está a balbuciar as primeiras descobertas. Se contra a nossa vontade for interrompida, tudo deverá ser recommçado. E é por isso que o conhecimento generalizado das línguas estrangeiras não é por enquanto bem-vindo. As línguas veiculam saberes que não podem ser partilhados com quem há meia dúzia de anos saiu de baixo da sotaina do padre. O livro! O livro pode ser o nosso melhor aliado, mas também pode ser um perigoso e falso cavalo de Tróia. Queremos evitar ter o destino dessa infausta cidade. Devemos evitá-lo.

E, num gesto largo, indicando a cascata, acrescentou:

— O que lhe parece a minha Gruta dos Poetas?

— Parece-me reconhecer ali à direita o grande Virgílio, que nos ensinou que, até dos restos fumegantes da Tróia incendiada e devastada pelo fero Ulisses, pôde nascer a saga imortal de Eneias.

— Ah, ah! — Carvalho e Melo riu forçadamente. — Obstinação. Gosto dessa característica num jovem.

E, voltando-se para Dom Manuel do Cenáculo, pediu:

— Dom Manuel, explique aqui a este amigo a sua teoria dos livros bons e dos livros maus.

O visado que tinha ouvido atentamente toda a conversa, também desejoso de meter a sua colherada, aproveitou o ensejo.

— Não sou a pessoa mais indicada para lhe falar de livros maus, meu filho, porque todos os livros são uma pedra, cada uma com o seu lugar, por mais humilde que seja, no longo e áspero caminho terreno pelo qual todos nos dirigimos para o Pai Celeste.

— Padre, padre... — admoestou brandamente o marquês.

— O livro vive do seu leitor — começou então Dom Manuel —, sem este é um montinho desprezível de folhas bolorentas. Não há livros que não devam ser lidos, mas nem toda a gente pode ler todos os livros. Percebe, meu filho?

Magalhães não respondeu.

— Os livros de doutrinas mais sublimes podem ser lidos por todos — continuava Dom Manuel. — Os livros de doutrinas erróneas e prejudiciais pedem ciência mais madura; não são para a mocidade que começa a aprender e que carece das noções que possuem os sujeitos adiantados. Na Real Mesa Censória a que presido, sou quantas vezes manietado pela indecisão, mas tento que o meu *imprimatur* seja sempre baseado nos superiores interesses do reino, sem desmerecer a legítima curiosidade que é o apanágio do Homem.

Dom Manuel esprou o olhar sobre os jardins e pareceu aspirar o perfume açucarado das laranjeiras. A sua nobre fronte desanuviou-se e, fixando o seu olhar amável em Magalhães, confidenciou-lhe:

— Logo que fui eleito Provincial, apliquei as minhas forças a ajuntar de todas as partes do mundo uma selecta colecção de livros que servisse o nosso reino e as suas nóveis ambições.

Interrompeu-se, sorrindo para si próprio como que recordando.

— Não supõe vossa mercê quanto me fatiguei, quanto suei, quanto esfriei... mas, finalmente, acrescentei um precioso conjunto de livros de artes, de história, de boa porção de Bíblias e de dicionários, porque, desde o ano de 1760, trabalho na língua grega e, desde 1768, nas línguas hebraica, arábica e siríaca. Para uso dos nossos estudantes fiz uns modestos opúsculos com base no *Tratado da Arte Diplomática dos Maurianos*, e uns índices sobre esfragística e semiótica para a aula da História Eclesiástica. Para a aula de Escritura, criei umas regras singelas de interpretação retiradas da *Hermenêutica Sacra* de Rambachio, e para os rapazes aprenderem a manejar bem as lições da História, compus um pequeno compêndio de Regras Críticas. Pelo que pertence às regras gerais das leis em comum e do direito canónico, socorri-me da *Hermenêutica Juris* de Eckard. Também lá tenho um epitome do *Copia Verborum* de Erasmo e uma sinopse da *História Filosófica*, inspirada na *Tabula Mnemónica* de Brucker. Estas e muitas outras coisitas para o uso dos principiantes. Pergunta-me como distingo o bom do mau livro? Pois, em verdade, meu filho, por vezes só com a Graça do Espírito Santo consigo separar essas águas.

Magalhães sentiu-se abalado e achou preferível não alimentar a polémica, tanto mais que a autoridade simples e afável de Dom Manuel o tinha conquistado.

O marquês deu-se também por satisfeito e o grupo ficou durante uns momentos em silêncio, entre vendo a estátua do deus Neptuno reclinado na embocadura da gruta misteriosa, banhado pela espuma da água que caía em ondas regulares. Visto de longe, o palácio assumia magníficas proporções e o seu perfil descontínuo recortava-se contra o azul do céu.

— O que lhe parece o meu refúgio? — perguntou o marquês mirando em redor.

— Pelo que me foi dado ver até agora, é um palácio digno de reis, excelência.

— É curioso ouvi-lo dizer isso, porque um dos meus sonhos é poder um dia receber nesta casa a Família Real. Como sabe, Sua Majestade deixou ultimamente de praticar o seu desporto favorito, a caça, e o palácio de Mafra sem essa motivação não é de inteira conveniência para Suas Altezas Reais: demasiado longe, um pouco inóspito até nos dias mais frios do Ve-

vão. Pelo contrário, aqui em Oeiras os ares são excelentes e no Estio são temperados pela brisa marítima, tornando as temperaturas mais amenas. Por outro lado, o bergantim real poderia facilmente atracar no nosso cais, o que tornaria a viagem rápida, segura e aprazível.

— Estou certo que a estadia seria do real agrado — declarou Magalhães, sem saber muito bem o que deveria dizer.

— Também penso que poderia ter essa honra. Sabe, esta casa foi ao longo das minhas missões no governo o meu único passatempo. Tornou-se para mim e também para os meus irmãos o investimento mais importante das nossas vidas. Mas ainda me lembro quando passeava por estas terras incultas, por entre as ruínas, com o architecto Carlos Mardel, meu saudoso amigo, e juntos inventámos o que vê. O resto foi muito trabalho, muita despesa e teimosia. Sobretudo teimosia. Mas tenho a alegria de poder vir a terminar aqui os meus dias junto às minhas hortas, às minhas oliveiras, às minhas vinhas, aos meus bichos-da-seda. Sabe que tenho ali atrás — e apontava por cima da cabeça de Homero, algures para poente — uma das maiores criações de bichos-da-seda de Lisboa?

— Fantástico, fantástico — titubeou Magalhães, enquanto o marquês perorava sobre os lucrativos animais, acrescentando que há pouco mais de dois anos mandara plantar mais de cinco mil pés de amoreiras que lhe haviam sido expedidos de Avignon.

— Bom, meus senhores, devemos regressar — avisou, finalmente. — As senhoras e os outros convidados esperam-nos para a refeição.

Os três homens iniciaram lentamente o caminho de regresso. Ao chegarem novamente à ponte de pedra, o marquês parou um pouco e declarou:

— Vou precisar da contribuição de vossa mercê para um projecto que me é muito querido.

— No que puder ajudar, fá-lo-ei com toda a dedicação, excelência.

— Como já confessei, acalento o sonho de receber aqui em Oeiras Suas Altezas Reais.

Retomavam a marcha.

— Desde há uns tempos que ando a pensar reunir num único local e num único momento uma mostra da nossa novel indústria.

Iniciavam agora a subida da escadaria que levava ao jardim suspenso. No primeiro patamar, o marquês parou e precisou melhor a sua ideia:

— Uma espécie de feira onde estejam patentes as produções deste reino para que Suas Altezas Reais, a corte, os fidalgos da Casa Real, os representantes do governo e da administração, os embaixadores, os representantes do clero e das corporações dos ofícios e misteres, os negociantes e os comerciantes estabelecidos possam avaliar os resultados do nosso trabalho

e o fruto da nossa dedicação, e, através dessa reunião, fomentar o comércio e o orgulho no que é nosso.

Dom Manuel acenava afirmativamente e monologou: — Sim, o orgulho em certas ocasiões é permitido.

De mão pousada na elegante balaustrada, o marquês prosseguiu:

— Pensei igualmente que haveria vantagem em que o local da feira fosse nesta quinta, nestes terrenos — e mostrava num gesto largo o extenso jardim —, durante o Verão, para que Suas Altezas Reais com superior conforto dela pudessem desfrutar.

A Magalhães a ideia parecia excelente. Poderia ser bom para as trocas comerciais, mas sê-lo-ia seguramente para cada um fazer um cadastro das produções, suas localizações, respectivas características, qualidades, preços e quantidades. Já anteriormente se tinha defrontado com situações de desconhecimento constrangedoras, e, sabendo que na maior parte dos casos era mais seguro, fácil e barato comprar no estrangeiro, o seu coração dizia-lhe que valia a pena acreditar naquela visão de futuro e de progresso e que, de algum modo, ele, Magalhães, já a este sonho estava associado pelos laços imateriais do destino.

— Parece-me uma ideia formidável, excelência. E que tipo de artigos iriam ser exibidos?

— Livros. É essencial haver livros — apressou-se a dizer Dom Manuel do Cenáculo.

O marquês anuiu. — Livros, com certeza que sim. — Mas a sua imaginação já tinha disparado para outras esferas. Já visualizava nos geométricos jardins as bancas, as barracas multicores com os seus topos cônicos, os estandartes das corporações a drapejar e o leve algodão das criptomérias a esvoaçar ao vento norte. E quase ouvia o clamor das multidões disciplinadas que paravam em cada venda e admiravam, tocavam e faziam perguntas aos caixeiros, enquanto em grandes e frescos pavilhões abertos, decorados com singelos arranjos de flores de amendoeira, enquadradas pela cor vibrante dos jacintos e o branco leitoso das aráceas, os industriais e comerciantes firmavam contratos.

— Muitos artigos, senhor Magalhães. Veja bem que neste momento em Lisboa e seu termo há mais de seis mil mestres, oficiais e aprendizes tombados nas listas da Real Fábrica das Sedas — informou com um sorriso que lhe iluminava as feições, de hábito sombrias.

O marquês imaginava já nos seus terrenos um rio infindável de curiosidades: gorgorões de seda a escorrer como rios coloridos, damascos e adameados, galões alegres, panos de linho pintados, linhas de todas as cores em meadas e macinhos, cetins, fitas de seda, tafetás, musselinas, tules transparentes como teias de aranha, flocos de seda crua sobre linho grosso, velu-

dos lisos como pele de corcel ou secretamente lavrados, cambraias transparentes e panos de linho com labores de lã saídos das mãos das raparigas do campo. E todas as lãs: as tapeçarias principescas, os macios droguetes para satisfazer a vaidade das senhoras, as saragoças e flanelas para os mais friorentos ou mais idosos, serafinas leves e fortes como o sisal para os forros, silésias para acalentar as noites frias... E livros. Muitos livros encadernados para satisfazer Sua Eminência. E cartas de jogar. Divisava também, lá ao fundo, no terreiro aberto sob os ramos frondosos, uma série de pequenas produções que como ímanes atraíam os olhares dos visitantes: relógios de parede e de bolso, brinquedos de pau para as crianças, caixas para tabaco, paliteiros, pentes, vernizes de toda a sorte, lacres, pincéis e escovas. Uma zona para espadas, espadins, punhais, lancetas e limas. Uma outra para facas, garfos e colheres de prata, de estanho e de ferro. Lá mais atrás, o espaço reservado às armas de fogo: espingardas, clavinas, pistolas...

Que sabia ele? E também não faltaria decerto o vinagre, as conservas de carne e de peixe, os enchidos, os diversos cereais, o azeite, o vinho, os queijos, os figos e as compotas...

O marquês fitou-os, parecendo despertar dum sonho e rematou: — Muita coisa, meus amigos. Vejo muita coisa.

— Lotes seleccionados de chitas, excelência — aventou Magalhães —, também haveriam de ficar bem nessa feira.

O marquês não lhe respondeu, mas iniciou a subida do lanço final da escadaria, avisando:

— Decerto que já nos esperam. Apressemos-nos, meus senhores.

O almoço foi servido num recinto térreo abobadado, revestido com estuques finamente lavrados, de colorido suave e harmonioso, e decorreu de modo agradavelmente ameno e familiar.

A sala, virada para um largo pátio ensolarado, estava ocupada pela mesa de refeições com dez talheres, porque D. Teresa Violante, a marquesinha mais velha, se lhes tinha juntado. De um lado da mesa, o marquês e as senhoras, do outro, os convidados e o conde da Redinha. Persignaram-se, após Dom Manuel do Cenáculo ter dado graças.

A refeição foi saborosa mas surpreendentemente simples, quase camponesa: caldo de carnes de vaca, toucinhos e linguiças, acompanhado pelas respectivas carnes cozidas com mostarda, trinchadas sobre a mesa pelo próprio anfitrião. Terrinas de odoríferas couves cozidas em molho de presunto, ao que se seguiu guisado de frangão com arroz e lebre assada com saladas.

Serviram-se vinhos de várias qualidades, mas os copos foram sempre

retirados ainda meio cheios. Em compensação, água fresca, cristalina e macia foi bebida com abundância.

— É de uma das nossas fontes da Quinta de Cima, mas prefiro-a à de Caneças — fez notar o dono da casa.

O café e as sobremesas foram saboreados no pátio soalheiro sob a arau-cária, cujos ramos evitavam que o Sol incomodasse os convivas; duas portentosas armações de frutas decoravam os extremos da mesa, mas foram os doces, sobressaindo apetitosos nas alvas toalhas de linho, que atraíram os olhares: o manjar branco de Celas, os fios de ovos em calda e os divinos ladrilhos de Odivelas, todos muito gabados.

Um vinho licoroso acompanhou os cafés e os pastéis dos claustros do Convento da Esperança. No final, aconchegadas em airozas tacinhas de faiança da Fábrica do Rato — o marquês aproveitou para chamar a atenção de Magalhães para a sua elegância e toque —, as castanhas doces de Arouca ainda tentavam alguns palatos mais resistentes.

No final da refeição, as senhoras, munidas das suas sombrinhas, desafiaram Dom Manuel para um passeio no roseiral, ao que este acedeu de bom grado. Os quatro homens ficaram sós. Após um momento de silêncio, o marquês absorveu ruidosamente uma pitada de rapé, que extraíra duma caixinha de lacre do bolso do colete e depois de oferecer aos circunstantes e de fungar vigorosamente, declarou:

— Como já lhe referi, senhor Magalhães, vamos precisar da sua contribuição para um projecto muito querido — fungou novamente ajudando com o dedo —, muito querido a Sua Majestade e também à minha própria pessoa.

Magalhães sentia-se inclinado a prestar todas as colaborações que lhe fossem solicitadas. Primeiro, porque sentia que não tinha outro remédio, segundo, porque a recepção a que fora sujeito o tinha sensibilizado profundamente. Inclinou-se para a frente, pousando as mãos nos joelhos, e aguardou, atento.

— Sempre fui da opinião de que é aos nossos amigos que devemos pedir favores, porque só eles têm a obrigação de nos ajudar desinteressadamente. Em contrapartida é também a eles que devemos livrar de aborrecimentos inúteis, sempre que tal for necessário. Partilha vossa mercê do meu ponto de vista?

Não parecia necessário ou prudente contrapor nenhum comentário e Magalhães limitou-se a uma vaga concordância: — Decerto, decerto.

Depois, o marquês continuou:

— O assunto é o seguinte: a Real Fábrica de Panos de Lã, que há cerca de dois anos estabelecemos na cidade de Portalegre, perdeu o seu mestre. Torna-se necessário substituí-lo.

Magalhães abriu os olhos de espanto e exclamou:

— O Mailhol morreu! Não sabia.

O marquês abanou com a mão a afastar essa ideia.

— Não morreu, mas por razões que me abstenho de comentar foi recentemente destituído. Então, o que me diz? Por quem o poderíamos substituir?

— Bom, não conheço muitas pessoas em Portugal que possam fazer esse serviço. Há aquele mestre que está na Covilhã — arriscou.

— Esse é o Ferreira da Silva. Faz falta na Covilhã — interrompeu Melo e Castro.

— Bem, então, penso que o João Locatelli poderia desempenhar-se dessa missão.

— O Locatelli há meia dúzia de anos que está a braços com a fábrica de grude que estabeleceu e é fundamental que esta se mantenha e desenvolva — cortou Melo e Castro.

— Então... só se for o Jacquieri de Salles. É um mestre competente — aventou, hesitante. — Não estou a ver mais ninguém.

Carvalho e Melo repetiu a pitada, semicerrando os olhos, a gozar o prazer delicado. Depois espirrou e assoou-se estrondosamente a um grande lenço de cambraia, que guardou no bolso interior da casaca.

— Este é um projecto que me é muito querido e que corre o risco de não se concretizar, apesar dos grossos cabedais que para ele têm escorrido e continuam a escorrer — lançou um olhar oblíquo aos irmãos Melo e Castro —, e não são os Salles e companhia que o irão endireitar. Necessitamos de alguém mais habilitado, mais competente, mais decidido. Precisamos de alguém mais moderno, que tenha uma visão das luzes do futuro, que compreenda este país e esteja disposto a ajudá-lo. Sobretudo alguém que não sofra enleios e que não saiba o que é o medo. — Espirrou novamente para o lenço. — Peço encarecidamente a vossa mercê que nos auxilie a encontrar quem nos possa ajudar.

Magalhães moveu-se no assento, sentindo a inquietação invadi-lo. Não lhe ocorria nenhuma ideia, e, por todas as razões, gostaria de ajudar o marquês nesta intenção que considerava justa e meritória. *Mas quem poderia ser?*, perguntava a si próprio. *Quem?*

— Estou certo que Sua Majestade reconhecerá com real generosidade o serviço que lhe for prestado.

— Excelência, não será nunca a procura das benemerências o principal fito da minha vida.

— Não desdenhe nunca duma honra que lhe é oferecida — avisou-o Carvalho e Melo com a sua voz de baixo —, pois o homem sem vaidade habitualmente sente um desprezo universal por tudo, começando por si mesmo.

— Peço a vossa excelência que me perdoe a falsa modéstia. De facto, a fama e glória são móbeis bem robustos e mente quem o negar — apressou-se a confessar, tendo aprendido como era escusada a tergiversação com o seu interlocutor.

— Estou satisfeito por ver que a sua juventude vai a par com o entendimento do mundo — felicitou-o o marquês. E, continuou com ironia: — Na verdade, o desejo de obter fama infunde tal valor nos homens que, bastas vezes, os transforma em pessoas benignas e virtuosas e, noutras, em cientistas e até em heróis.

Magalhães pensava febrilmente. A parada estava muito alta e a aposta daqueles homens poderosos que o fitavam expectantes estava em aberto sobre a mesa. Era forçoso responder de imediato a toda aquela confiança. Queriam alguém para dirigir uma fábrica de panos de lã e em troca estavam dispostos a dar dinheiro e honras. Em Portugal não havia ninguém, isso era seguro. Era necessário encontrá-lo no estrangeiro. Era uma questão de fazer alguns contactos em França, Itália (Inglaterra era escusado), Suíça... Era só uma questão de números. Mas precisava de tempo: entre o início dos contactos e a vinda do homem providencial levaria no mínimo seis meses. Se começasse agora, lá para Julho do próximo ano, o problema estava resolvido. Só precisava de saber quais eram os fundos envolvidos, os privilégios associados e o estatuto pretendido para esse homem.

— Garanto, excelência, que em pouco mais de seis meses teremos o homem certo em Portalegre — declarou com determinação.

— E quem será esse homem?

— Bom — atrapalhou-se —, tenho de realizar alguns contactos com o estrangeiro e depois de identificar o mestre, fazer-lhe um convite irrecusável. De momento, não estou em condições de dizer quem poderá ser.

— Mas eu estou em condições de lho dizer, senhor Magalhães — cortou melífluo Carvalho e Melo. — O homem que eu quero é o seu associado, o mestre Larcher.

Magalhães sentiu como que um murro no estômago e ficou sem ar durante um longo instante e sem palavras.

O Stéphane Larcher?! Não é possível! Na verdade, pelo que sabia, esta era uma personagem nascida e criada à volta dos algodões. As lãs eram um mundo diferente, embora com algumas sobreposições, é claro, mas diferente. *Diferente?*, ponderou depois, de si para si. *Mas será assim tão diferente? De facto, fiação, tecelagem e tinturaria são comuns e a própria organização do trabalho... talvez também o seja.*

— O que me diz, senhor Magalhães?

Entretanto o céu começara a cobrir-se de nuvens baixas e escuras e um

ventinho insinuava-se húmido pelos jardins; as senhoras e Dom Manuel recolhiam-se e vinham já subindo a escadaria.

Magalhães adiou a resposta.

O lanche foi servido na sala de jantar refrescada com bonitos arranjos florais e amornada pelo doce calor da lenha, que ardia num fundo fogão de cerâmica.

Magalhães não pôde deixar de aceitar um chá e, apesar da inquietação que o assolava, não resistiu a saborear o arroz-doce, decorado com delicados motivos florais desenhados com o pó da canela. O conde da Redinha instou-o a provar também as queijadinhas.

— Foram feitas pelas mãos da própria Maria Sapa. Ainda ontem as mandei buscar à Porcalhota.

Martinho de Melo e Castro aproximava-se devagar. Magalhães preparou-se para mais uma estocada naquela encenação em que pelos vistos ele fazia o papel de vítima.

— Então, já pensou no *modus faciendi*? — perguntou-lhe num murmúrio cúmplice.

— Excelência, não consigo descortinar como poderei ter artes de vencer esse reputado mestre tintureiro, detentor dos segredos mais raros da sua arte, homem de teres e haveres, protegido pela corte de França, assediado pelos grandes negociantes e mais que eu não sei, a dar-se ao incómodo de se deslocar a uma pequena terra recôndita, perdida nas serranias do Alentejo, para nos ajudar a estabelecer uma fábrica de panos de lã... indústria que aliás ele mal domina.

Interrompeu-se com um fundo suspiro.

— Vai ter de ocultar a esse senhor Larcher parte da verdade. — Melo e Castro sorriu-lhe com bonomia. — Não vejo outra solução.

— Ocultar parte da verdade — repetiu, num monólogo um pouco tonito. — E que parte da verdade me aconselha vossa excelência a ocultar?

Melo e Castro puxou cuidadosamente o brilho a um dos botões de prata do seu colete, que talvez não despedisse os reflexos pretendidos e murmurou: — Não se deve influir nos íntimos ditames duma consciência. — Depois, no que pareceu um rebate de consciência, adiantou um conselho: — Está hoje connosco quem vê mais fundo do que qualquer um de nós, porque para tal é orientado pelo Espírito Santo. Não deixe passar esta ocasião.

E afastou-se, repetindo: — Não deixe passar, não deixe...

Magalhães ficou isolado num canto da sala. As senhoras, o conde da Redinha e o marquês conversavam animadamente junto ao fogão. Os dois irmãos pareciam admirar um grande jarrão chinês, e faziam comentários sobre pormenores das cenas representadas. Só Dom Manuel se mantinha como ele, solitário, de pé junto a uma janela, com os olhos perscrutando o

infinito. Aproximou-se do frade que se afastou um pouco para ele se acomodar melhor. Entretiveram-se por uns momentos a admirar as nuvens a passarem céleres pelo céu que escurecia com o cair da tarde.

Não sabia como começar nem o que dizer. Sentia-se como um cordeiro no redil dos lobos. Finalmente, decidiu-se.

— Nos livros que vossa eminência aconselha aos estudantes, haverá algum que verse sobre regras morais a que deva obedecer o comércio entre os homens?

Dom Manuel abriu muito os olhos, colocando as sobrancelhas em arco, e esboçou um largo movimento circular com as mãos, como a exemplificar o manancial de informações morais contidas nos seus livros.

Magalhães percebeu que tinha de se expor mais para obter uma resposta.

— Se houver necessidade imperiosa de dispor da presença de outrem para a realização duma determinada acção, será ético e legítimo atrair essa pessoa à nossa presença pela força da mentira?

— Todo o homem possui a faculdade moral que permite julgar os seus próprios motivos — respondeu Dom Manuel. — O homem é virtuoso quando age baseado nos motivos que aprova e só os aprova quando estes são benevolentes.

— Mas, eminência, e se num certo momento o homem põe em causa os seus próprios motivos e verifica que perdeu a virtude de os aprovar ou reprovar?

— Meu filho — Dom Manuel segurou-lhe paternalmente na mão fria e um pouco transpirada —, o homem virtuoso aprova os sentimentos morais que o movem a fazer algo benéfico e reprova aqueles que o levam a causar dano.

Ah! Atrair Stéphane Larcher seria benéfico? Causaria dano? Claro que do seu ponto de vista pessoal atraí-lo seria benéfico para si mesmo e permitiria, quiçá, evitar-lhe graves danos a si próprio. Lutou para sacudir o torpor que emperrava o seu raciocínio que sempre tivera por claro, conciso e pragmático.

Viu com inquietação o marquês avançar para si, de braço dado com Martinho de Melo e Castro.

— Temos então acordo? — A voz do marquês soava amigável. — Posso mandar lavrar os necessários instrumentos jurídicos?

— A confiança que vossa excelência deposita nos meus fracos préstimos lisonjeia-me profundamente, mas gostaria de esclarecer uma dúvida com que fiquei. — Perante o olhar interrogativo do marquês, continuou: — É a de saber se dada a premência de resolução da administração dessa fábrica, a obtenção dos segredos tintoriais fica relegada para segundo plano.

— Digamos que a ordem de prioridades é essa mas continua a ser um dos desejos de Sua Majestade que urge igualmente satisfazer — respondeu o marquês, um pouco contrariado com a impertinência.

— Não sei ainda como me desempenharei da missão que me confiou, mas estou certo que não irei desiludir vossa excelência.

— Ótimo, ótimo — respondeu o marquês e, voltando-se para Melo e Castro, exclamou:

— Ó Martinho, lembrei-me neste preciso momento de que Sua Majestade já assinou a carta régia para este nosso amigo!

E, antes sequer de Melo e Castro ter tempo de responder, continuou:

— Tenho boas notícias para si, senhor Magalhães: Sua Majestade foi servida de lhe conceder uma comenda. Congratulo-me com esse bem merecido benefício.

Magalhães, apanhado de surpresa, titubeou uns agradecimentos pela inesperada honra, mas o marquês não parecia muito interessado em manifestações de gratidão.

— Deixe-se disso agora. Venha mas é despedir-se da senhora marquesa, do conde da Redinha e do nosso bom Dom Manuel. — Agarrou-o amigavelmente pelo braço. — Penso que já é tempo de se fazer ao caminho. Ao anoitecer esta estrada fica um pouco perigosa.

Como se de repente tivesse tido uma ideia luminosa, chamou o conde da Redinha e recomendou-lhe:

— José Francisco, é melhor providenciar ao senhor comendador uma escolta pelos nossos dragões. Sempre vai mais seguro...

V

BOM DE MAIS PARA SER VERDADE

Magalhães aconchegou o seu capote, húmido das bátegas que o tinham vergastado quando atravessara o imenso terreiro onde pedreiros, carpinteiros, carreteiros e outros artífices se afadigavam de manhã à noite, numa roda-viva, transportando pedra, cal, tijolo, madeira, pregos e demais materiais para a construção da novel Praça do Comércio.

Esperava pelo momento de ser recebido por Martinho de Melo e Castro. Havia um bom bocado que aguardava, juntamente com dezenas de outras personagens que em pequenos círculos conversavam em surdina, concertando táticas e calculando lucros. A abóbada e as grossas paredes protegiam-nos do vento e da chuva, mas não do frio cortante que imperava lá fora e que ali ainda se fazia sentir. De quando em vez, os amanuenses passavam apressados, ajoujados ao peso de enormes fólios ainda por encadernar.

Era a primeira vez que ia ser recebido pelo presidente da Junta do Comércio nas novas instalações, com a sua arcaria de aparato ao sul e ao rio. Saboreava esse privilégio tão perseguido pelos seus congêneres da praça do Porto — e até de Lisboa — e que lhe tinha sido concedido de um modo tão natural e espontâneo.

Um indivíduo zarolho com um guarda-pó cinzento acercou-se e pediu-lhe para o acompanhar até uma antecâmara que, a avaliar pelo número das portas, servia três diferentes salas de despacho.

Não foi necessário esperar muito tempo para ver surgir o rosto sorridente de Melo e Castro que lhe fazia sinais.

— Entre, entre, senhor comendador, por obséquio. Temos muito que conversar — e, espetando um dedo para uma cadeira, indicou-lhe um homem novo com ar de amanuense. — Já conhece o bacharel José Seabra, não é verdade?

Magalhães cumprimentou o secretário pessoal do marquês de Pombal que do meio dos seus papéis lhe estendeu uma mão mole e desinteressada.

— Pois, meu amigo, devo confessar que a sua alta motivação para aceitar riscos foi muito apreciada pelo senhor marquês, o que nos dias que correm não é muito frequente e — baixando a voz como se fizesse uma confissão — claro que também eu apostei bastante em si. Mas vamos sem mais detenções ao que o trouxe aqui porque tempo é dinheiro, não é verdade?

Voltando-se em seguida para Seabra, instou-o: — Ora pode então dizer-nos o que tem para oferecer ao senhor comendador?

Magalhães ouvira com prazer a referência à sua comenda e ficou atento na expectativa das novidades.

Sorumbático, Seabra consultava os papéis prolongando o momento. Ordenou-os vagarosamente em dois montes distintos; endireitou-os batendo delicadamente com as folhas na mesa; alinhou-os escrupulosamente como se aguardasse uma ordem para começar.

— Na verdade, pessoalmente, não tenho nada para oferecer — começou ele. — Limito-me a ser um serventuário de sua excelência. Por outro lado não se trata de uma oferta mas sim de um negócio, em que as partes irão trocar valores supostamente equivalentes.

Folheou por um momento os seus papéis.

— Para que não restem dúvidas sobre o que sua excelência espera de vossas mercês, permita-me rememorá-lo: em primeiro lugar, que o senhor Stéphane Larcher venha para Portugal; em segundo, que assuma a administração da Real Fábrica de Portalegre e que no prazo de um ano a transforme no modelo das manufacturas de lãs destes reinos. Isto é, que produza com as características de qualidade, beleza, variedade e custo que por regra são reconhecidas nos produtos congêneres, franceses ou ingleses; em terceiro lugar, que no primeiro ano de estadia entre nós transmita a integralidade dos seus segredos de tintureiro a um cidadão português.

Melo e Castro tentou pôr água na fervura, interrompendo a dura intervenção do secretário: — Bem, dito assim, parece um bocado forte — e tentou explicar as contrapartidas positivas do negócio.

— Afianço-lhe que o senhor marquês está disposto a ser imensamente generoso. Vai haver bens de raiz e outros privilégios extraordinários... Ora, faça o favor de explicar, Seabra.

O visado pareceu ter ficado algo melindrado com a interrupção.

— Salvo melhor opinião, penso que não devemos escamotear nem o bem nem o mal. As coisas querem-se claras desde o início.

Exasperado, Melo e Castro encolhia os ombros mas o outro não parecia incomodado e continuou:

— Em caso de sucesso, serão atribuídos muitos benefícios a vossa mercê e ao mestre Larcher. Em caso de insucesso, estes não serão atribuídos e serão retirados os que eventualmente já o tiverem sido. Por qual dos dois pretende que eu comece?

Magalhães, atrapalhado, titubeou:

— Bem, tanto faz... pelo mestre, se faz a fineza...

Então, Seabra ajeitou os óculos e consultou mais uma vez os seus papéis.

— Sua Alteza concederá a naturalização ao cidadão francês Stéphane Larcher a partir do momento em que desembarque em território português. A mesma resolução régia se aplicará a um outro cidadão de nação estrangeira quando e se tal for solicitado pelo primeiro.

Interrompeu-se e olhou por cima dos óculos para Magalhães, mas perante o silêncio deste, continuou:

— Sua Majestade nomeará esse mestre deputado da Real Junta do Comércio, três anos após a sua naturalização, com a retribuição anual vitalícia de um conto de réis.

Voltou a compulsar as suas folhas.

— Igualmente lhe será concedido o alvará para uma estampanaria de algodões, um ano após a sua naturalização, com o privilégio exclusivo de produção por sete anos. Para instalação da dita fábrica, disporá de uma casa sita em Azeitão — consultou minuciosamente os desenhos e documentos como se nunca os tivesse visto — com a seguinte descrição:

» A fachada é de dois andares divididos em três corpos. O corpo principal mede cerca de trinta e três jardas de frente. É ladeado por dois outros corpos mais baixos, com cerca de treze jardas de largura. Um terraço ajardinado acompanha as alas e os corpos laterais, continuando-se com o primeiro patamar da escadaria que dá acesso à entrada nobre do edifício.

Fez uma pausa enquanto assestava os óculos num ponto determinado das suas folhas.

— Aos primeiros cinco anos do aluguer deste edifício, corresponderá uma renda anual com o valor simbólico de quinhentos mil réis.

— Então o que me diz? — interrompeu Melo e Castro, manifestamente encantado.

Magalhães não se queria pronunciar antes de ouvir todo o teor da proposta, mas ficara muitíssimo bem impressionado com a primeira parte da oferta. Pediu pormenores sobre a casa.

— Trata-se dum palácio que pertenceu aos duques de Aveiro — esclareceu Melo e Castro —, com o brasão de armas desfeito a maço e que jaz abandonado há mais de uma década, mas que para o efeito deverá servir perfeitamente.

Magalhães lembrava-se dessa história arrepiante, embora fosse um rapazinho naquele tempo em que uns nobres haviam sido condenados à morte, como castigo pela participação no atentado ao Senhor D. José. O duque de Aveiro fora um deles, sentenciado numa lúgubre manhã à beira-Tejo. Ao pensar que ia tocar em vestígios dessa herança amaldiçoada, tremeu interiormente.

— Em relação a vossa mercê — continuou José Seabra —, a generosidade do nosso soberano traduz-se do seguinte modo...

Endireitou as folhas metodicamente, parecendo ao mesmo tempo organizar os próprios pensamentos.

— Quanto às questões honoríficas e como já lhe foi transmitido pessoalmente por sua excelência, foi-lhe concedida uma comenda da Ordem de Nossa Senhora de Vila Viçosa a que corresponde uma tença anual de quatro mil réis. Está a ser preparada a agraciação com o título de barão de Alpendurada, dado que o senhor comendador será por passamento de seu progenitor, que Deus o guarde, o morgado de Vilacetinho que, como sabe, pertence à freguesia de Alpendurada.

Magalhães olhou para o homem com uma admiração desconfiada. Este entretanto passava uma nova folha e pigarreava a pedir atenção.

— Será igualmente nomeado deputado da Junta do Comércio com efeitos a partir do dia da naturalização do mestre Larcher.

O negociante enrubesceu de satisfação. Seabra, dando-se conta, esboçou um sorriso trocista.

— Quanto a instalações, sua excelência não considera aceitáveis as que utiliza actualmente — informou, quase acusador.

Magalhães pensou no amplo, confortável e prático sobrado — por cima da loja na rua da Conceição — que utilizava nas suas deslocações a Lisboa e não entendeu as razões para a mudança.

— No que respeita às lojas, irá ocupar uma excelente na rua Augusta com duas grandes montras, um bom armazém e uma pequena sobreloja para a escrita da sociedade. Quanto à habitação, temos duas: uma primeira, entre São Roque e São Pedro de Alcântara. É uma excelente casa, construída vai para trinta anos por João Frederico Ludovice, o arquitecto que riscou o Real Palácio de Mafra. Os pisos que ele habitou até morrer estão inteiramente vagos. Está localizada a dois passos do Loreto, da Baixa e também da Ribeira Nova, se pretender vigiar pessoalmente a expedição marítima dos seus produtos.

Magalhães sentiu-se aborrecido com o rumo dos acontecimentos. Aqueles homens estavam a dispor da sua vida como se ele próprio não tivesse a primeira e a última palavra no que respeitava à sua habitação e aos seus negócios. Talvez o fizessem com boas intenções, mas sentiu que se estavam a exceder.

— Senhor Melo e Castro, agradeço muito a preocupação de vossas senhorias, mas habituei-me desde cedo a decidir sozinho os meus assuntos pessoais.

Seabra, apanhado no meio de uma frase, fitou-o surpreendido.

— Meu filho, tudo o que lhe diz respeito é agora matéria do foro público — Melo e Castro fez um trejeito sarcástico —, porque foi apanhado no vórtice de interesses do homem mais poderoso deste reino e não há nada que possa fazer para se opor.

O negociante sentiu uma vertigem súbita que o levou a fechar os olhos para tentar escapar à sensação de desmaio.

— Peço que me perdoem esta indisposição repentina — disse daí a momentos, depois de respirar fundo. — Continue, por favor, senhor Seabra.

Os dois homens entreolharam-se com cumplicidade. Recolocando os seus óculos, o bacharel prosseguiu:

— A outra casa é um pouco mais afastada. Fica no campo de Santa Clara, mas é um verdadeiro palácio, embora, tal como o primeiro, não possua jardins. Pertenceu ao visconde de Barbacena, D. Luís de Mendonça, já falecido, e é também passível de ser alugado se for essa a opção de vossa mercê.

Magalhães murmurou qualquer coisa sobre decidir só depois de visitar as propriedades, mas Seabra continuou:

— Temos agora as questões propriamente comerciais. — Considerou-o de viés, com olhar torvo, e prosseguiu: — Sua Majestade concederá às sociedades de vossa mercê o monopólio da compra de algodão em bruto para consumo das fábricas do reino por um período de cinco anos.

Magalhães não se entusiasmou demasiado, porque pouco lhe faltava para ter, de facto, um monopólio em matéria de importação de ramas.

Mas Seabra não havia ainda terminado o rol das benemerências.

— Do mesmo modo, beneficiará do privilégio da venda de chitas pintadas no reino, em exclusividade, durante sete anos.

Este privilégio soava um pouco a falso, porque também aqui a posição de Magalhães nos mercados já era dominante.

— Os lucros de qualquer comércio levado a cabo por vossa mercê, quer esteja ou não relacionado com as estamparias, como seja o vinho, ficarão isentos de décimas por um período de cinco anos a contar do dia da natu-

realização do mestre Larcher. — Retirou cuidadosamente os óculos encavalitados no nariz e questionou-o com o olhar. Após uma pequena pausa e vendo que não obtinha qualquer reacção, Seabra voltou a colocar os óculos, murmurando algo sobre empenhos, e declarou que a Junta do Comércio financeira o estabelecimento da estamperia em Azeitão com um subsídio não reembolsável de quarenta contos de réis.

Ambos os homens fitavam agora Magalhães que tinha ficado estupefacto.

Isento de décimas por cinco anos! Um subsídio de quarenta contos de réis para a estamperia! Dois monopólios nos algodões?!

Era bom de mais para ser verdade. Tais privilégios fariam dele um homem muito, muito rico...!

— Como vê, está prestes a tornar-se num homem novo — ironizou Melo e Castro —, mais poderoso, mais rico, mais dependente e mais vicioso.

— Vicioso?! Vicioso porquê, excelência? — sobressaltou-se ele.

— Sabe, meu filho, é que a nossa natureza nos conduz ao vício sem necessidade de tempo ou de mestre. Pelo contrário, à virtude só chegamos depois de muito trabalho e não me parece que essa vá ser daqui para diante a sua primeira prioridade.

Seabra riu discretamente. Lia nos olhos do outro o susto do cordeiro perdido à noite na serra e apreciava o habitual teatro da instalação do desassossego medroso, que nele já se tornara como que uma segunda natureza.

— Para vossas senhorias, a minha primeira prioridade deverá então ser qual? — perguntou acintosamente, tentando reagir ao cerco.

— Mas é muito claro, meu amigo! — declarou Melo e Castro. — A sua primeira tarefa será trazer o tal Larcher para Lisboa, convencê-lo depois a ir para Portalegre endireitar a Real Fábrica, sem demorar mais de um ano nesses trabalhos e, finalmente, persuadi-lo a entregar-nos os segredos das tintas fixas. Se o conseguir, possuirá a chave da riqueza e do sucesso.

Aguardou por uma reacção, mas como ela tardasse, pressionou:

— Então, o que me diz...?

Magalhães era um homem de negócios. Já ganhara e perdera fortunas, mas o que estava sobre a mesa era bem mais do que isso. Para além da sua riqueza, a sua liberdade e a sua vida faziam também parte dessa aposta, mas, encorajado pela montanha de ouro que o aguardaria no fim do caminho, cedeu sem condições à habilidosa pressão dos dois homens.

— Excelência, estou determinado a dar ao senhor marquês as contrapartidas da imensidade de privilégios com que a sua grandeza achou por bem cumular-me.

— Excelente, excelente — disse Melo e Castro esfregando as mãos. — Eu sabia que o meu amigo saberia discernir o caminho certo.

Sentou-se na beira da cadeira, que arrastou para mais perto dele e perguntou-lhe em tom conspirativo: — E já pensou como vai atrair o mestre Larcher?

— Bom, excelência, na verdade ainda não, mas como somos associados no negócio, penso que só espera que eu o informe sobre a concessão do alvará dos algodões para iniciar a viagem.

Depois lembrou-se com um sobressalto duma carta que enviara ao francês.

— Para corresponder aos desejos de sua excelência, a semana passada enviei um expresso ao mestre Larcher a explicar a nova situação e a pedir-lhe para me indicar um preço para o ensino das tintas fixas.

— Espero que essa carta não vá assustar a presa — reflectiu Melo e Castro levantando-se e cruzando a sala em passos pensativos. — Mas até pode ter sido bom porque ele há-de ter necessidade de fundos.

Dava agora pequenos pontapés distraídos no tapete de lã bordado enquanto reflectia.

— Já teve conhecimento da situação em que se encontra o mestre Larcher?

Não, Magalhães não sabia absolutamente de nada. Quem tratara do negócio fora o industrial Oberkampff, pessoa com quem mantinha frequentes contactos comerciais.

— Então não me restam dúvidas. Esse negócio dos algodões foi montado por esse alemão com o propósito de ajudar o seu *compagnon*.

Melo e Castro explicou-lhe então a situação crítica em que o francês se encontrava e como esta poderia justificar o seu interesse pelo negócio dos algodões como forma de fugir de França.

— Mas de que crime é ele acusado? — perguntou Magalhães, desnor-teado.

— Tem ideias e amigos que pelos vistos não agradam a alguns poderosos, diz-se que até à própria condessa du Barry. O crime dele é simplesmente esse, mas isso agora pouco importa. O que interessa é encontrarmos uma maneira de o tirar de lá. Há que perceber se o Oberkampff está disposto a ajudar-nos. Consegue fazer isso?

— Posso escrever-lhe uma carta — aventou Magalhães.

— Não, não, nada de cartas! Tudo tem de ser num boca-a-boca. — E, de dedo em riste, avisou: — Sua Majestade ou o seu governo não podem aparecer envolvidos em nenhuma fase desta história. Nunca! Que isso fique bem claro.

— Mas, excelência, tendo em vista toda esta charada, não era preferível arranjar-se um outro mestre?!

— Para seu próprio bem, vou fingir que não o ouvi — respondeu-lhe

secamente Melo e Castro. — E digo-lhe mais, vamos encerrar o assunto aqui e agora. O problema não me diz respeito e vossa mercê deve resolvê-lo inteiramente pelos seus próprios meios.

E, depois duma pequena pausa irritada, concluiu:

— Avise-nos apenas quando o mestre Larcher desembarcar em Portugal. E é bom que seja em breve...

VI

A ELEGÂNCIA DISCRETA DO PALÁCIO

O matraquear das caleches e o estrondo das pesadas carretas de bois, o bater compassado dos cascos das alimárias no lajedo, o canto magoado dos galegos que passavam na rua, «água... água...», a ladainha do cego que já apregoava as suas histórias de cordel à esquina da rua Nova da Rainha, os latidos dos cães enrouquecidos pela humidade, até o zurrar impertinente dum burro, todos os sons de Lisboa a acordar, de que ele habitualmente gostava, irritaram Magalhães naquela manhã gelada de Dezembro.

Meio ensonado, protegido por espessos cobertores de lã inglesa e por uma manta de pele que o tornavam um enorme urso branco adormecido, não encontrava coragem para se levantar e afrontar os trabalhos do dia. Olhou para o vaso de pedra pousado no meio do quarto onde, apesar de recobertas pelo manto pardacento das cinzas, ainda cintilavam algumas brasas e arrepiou-se.

Três toques discretos acordaram-no de vez. Era o Afonso, porteiro da loja, que também fazia as vezes de criado de quarto, barbeiro e, de quando em vez, alcoviteiro. Vinha avisá-lo de que «a água já estava aquecida e que quando sua senhoria ordenasse...».

Magalhães mandou o homem entrar. Escancarando a porta, este arastou com estrépito para o meio da divisão uma tina em madeira, ainda construída à antiga como as pipas, meio atestada de água vaporosa, deixando uma esteira de humidade.

Influenciado pela comunidade inglesa do Porto — que os burgueses

do Norte faziam questão de plagiar —, há muito que Magalhães adquirira o hábito do banho semanal. Habitualmente escolhia as terças-feiras, porque era costume a colónia nortista reunir-se na Bolsa nesse dia e era de bom-tom exibirem-se hábitos cosmopolitas.

Diligente, o criado raspava-lhe cuidadosamente os queixos com uma navalha de aço inglês. Escanhoava-o na perfeição, contornando-lhe sem um deslize as suíças morenas, enquanto, de olhos fechados, a nuca pousada na borda da tina, ele se deixava amolecer pelo prazer da saponária quente.

Sentia voltarem a si a força, o vigor e, sobretudo, a mente clara e animosa, sua habitual companhia. Compôs uma *toilette* cuidada. Envergou um colete discreto de seda cor de palha, com pequenas flores pintadas à mão, enfeitada com pequeníssimas missangas de prata, e até deixou que Afonso polvilhasse a sua moderna cabeleira com pó-de-talco, de modo um tudo-nada excessivo, e a apertasse com um laço de veludo cor de rubi.

Comparou as horas que marcava o *Breguet* de bolso com as do relógio de caixa, que agitava lentamente o pêndulo brilhante com um tique-taque tranquilizador, e experimentou de novo a satisfação de ser o dono de uma peça de tão sofisticada indústria. Verificou que estava a tempo da missa matutina no convento *Corpus Christi*. Sempre que vinha a Lisboa, gostava de assistir ao ofício divino nesse templo, com a sua elegante cúpula barroca afogueada de luminosos amarelos e dourados, sobreviventes miraculosos das hecatombes do terramoto e do fogo que destruíra Lisboa.

A manhã estava chuvosa. Por hábito alugava uma cadeira para as suas deslocações, mas como naquela manhã tinha um encontro marcado com o secretário José Seabra, por mor da visita às casas, e este o avisara de que viria de carruagem, decidiu fazer a pé o pequeno percurso.

Embrulhou-se num largo capote de lã grossa azul-celeste. Com determinação, enterrou na cabeça o tricórnio e acompanhado pelo diligente Afonso que, conforme podia, o ia protegendo com um enorme guarda-chuva, atravessou as grandes ruas que já ferviam de animação e actividade, rumo à rua Nova da Princesa.

Encontrou-se com Seabra à porta do convento. O secretário viera numa sege elegantemente decorada com requintados frisos de plumas em tons de mel e fogo, de rodado duplo e caixa fechada, onde a luz entrava por amplas vidraças. Dois cavaleiros do regimento de dragões que faziam a guarda de espadas embainhadas, abriam passagem. O condutor, montado numa das mulas do lado esquerdo, e um boleeiro à retaguarda asseguravam a marcha.

Entretanto, por uma daquelas mudanças súbitas tão habituais em Lisboa — e para gáudio do negociante criado nas tonalidades acinzentadas e

sombrias do Porto —, a chuva parara. As nuvens vibravam em destaque branco contra o céu azul, iluminadas pela luz rasante de Inverno. O secretário perorava sobre os iméritos trabalhos de reconstrução de Lisboa, e, mesmo ali, junto às antigas portas de Santa Catarina, mandou parar para mostrar uns estaleiros onde fingia afadigar-se uma boa dúzia de madraços.

— Trata-se das obras de reconstrução da igreja dos Italianos, que ficou muito danificada no terramoto e fará face à futura igreja da Encarnação — e apontava do outro lado da rua umas desmanchadas ruínas que antes do terramoto tinham sido um orgulhoso templo.

— Como vê, igrejas não lhe irão faltar perto da sua nova residência, senhor comendador — e, baixando a voz como quem faz uma confidência —, excepto se preferir passear-se pela rua Direita do Loreto e gastar o seu tempo a jogar ao bilhar ou à conversa com os seus amigos.

Mais uma vez Magalhães se admirou com os conhecimentos de Seabra sobre a sua vida privada. Era verdade que passava com alguma frequência na Casa da Assembleia, uma espécie de *club*, criado por António Avondano, cidadão toscano de alta cultura e grande sensibilidade artística. Nessa assembleia havia regularmente serões, alegrados com jogos, música, dança mas, sobretudo, boa e distinta conversa. Que raio de interesse para um governo ou uma administração poderia haver em actividades tão anódinas e privadas?!

Atravessaram com dificuldade as portas de Santa Catarina, sobrecarregadas com o costumeiro tráfego de pessoas, de animais puxando carros de passeio e de grande cópia de carregos. Largas carroças vindas da beira-Tejo, balançando pesados barris, gemiam no esforço vagaroso de subir ao Bairro Alto, entupindo a via já de si congestionada, para irem fornecer água fresca aos palácios e às casas abastadas. Do lado contrário, no sopé da colina íngreme, divisava-se o espelho anilado do rio, riscado de mastros e constelado de velas.

As mulas tomavam agora de vencida a calçada para São Roque. Magalhães, que nunca passara além do Loreto, admirou-se com a quantidade de casas de boa construção e com a animação alegre do bairro.

Pouco depois a carruagem estacou. O boleeiro acorreu a abrir as portinholas e a baixar o patim para auxiliar a descida dos passageiros.

Seabra apontou um prédio com uma alta frontaria de traçado regular, muito discreta, apresentando loja, sobreloja e três andares (o primeiro com uma elegante varanda em ferro forjado), rematado por umas águas-furtadas.

— Eis a casa que pertenceu ao falecido Ludovice. Foi construída sob o traço e orientação do próprio. Embora não pareça grande, lá por dentro é muito agradável — garantiu.

— Parece ter sido copiado do modelo dos edifícios da cidade nova —

comentou Magalhães, comparando de memória a estrutura e respectivas proporções.

— Bem observado, senhor comendador — aplaudiu Seabra —, mas o que aconteceu foi precisamente o contrário. Aquando do grande terramoto, este prédio já estava construído e resistiu incólume à destruição geral, aliás como muitas residências deste bairro, entre as quais a da família do senhor marquês de Pombal. Foi a esta mesma casa, ao seu modelo, aos segredos da sua fábrica que o engenheiro Manuel da Maia se veio inspirar para desenhar as construções na baixa de Lisboa.

Os dois homens entraram no pátio interior da habitação.

— Esta parte que dá para a rua está abandonada há uns anos — informou Seabra —, mas será muito fácil recuperá-la.

Subiram por uma larga escada de mármore que se erguia à esquerda. À entrada do piso nobre, Magalhães agradou-se com as elegantes colunas toscanas em pórfiro cor de mel, rematadas com capitéis, onde finos cinzéis haviam desenhado nervosas folhas de acanto.

Mas o que verdadeiramente o encantou foi o amplo e claro panorama que se desfrutava das salas voltadas a nascente: na sua frente erguia-se uma colina de declives agrestes cobertos de oliveiras eazinheiras, coroada por um derribado castelo, cuja nobreza antiga parecia indiferente às suas muralhas desmanteladas. Para oriente, pequeninas hortas com paredes de canaviais por extrema sucediam-se a perder de vista. Humildes produções relampejavam em relances de verdes: as couves, os milhos, as melancias, as alfaces... À esquerda do castelo, outra elevação erguia ao céu uma grande igreja e o seu prolongado convento. Mais à esquerda ainda — até teve de se debruçar um pouco da janela —, num outro monte, talvez o mais alto dos três, alvejavam os muros brancos de uma minúscula capelinha.

Seabra tinha razão: a casa era grande, clara, alegre, vibrante de luz, com vistas esplendorosas, muitíssimo bem dividida e de fino gosto, só necessitando de algumas beneficiações para poder ser habitada por uma família. Pela primeira vez na vida, ponderou a hipótese de se deslocar permanentemente para Lisboa, abandonando à solidão os seus solares graníticos de Vilacetinho e a sombria mansão do Porto — que mantinha à custa de gastos suficientemente excessivos para todos os anos se criticar por ainda não os ter encerrado.

— Curiosa decoração — disse, apontando uma pintura que rematava a abóbada da sala de entrada. Num triângulo cor de cinza, inserto numa moldura dourada, ressaltavam uns traços desconhecidos. — São letras?

O outro fez-se desentendido.

— Parecem um alfabeto mouro. Sabe do que se trata, senhor Seabra?

— Uns desenhos quaisquer — disse vagamente o secretário. — Se não gostar, mande pintar por cima. Mas vamos falar do que interessa. É ou não uma beleza, a casa?

Via-se que Seabra estava ufano. Prometia que, se fosse necessário, no Verão a casa estaria pronta a habitar com o conforto e dignidade requeridas. Mas, apesar do agrado evidente do seu eventual inquilino, insistia que, antes de escolher, era necessário visitar também o palácio de Santa Clara. Só depois se poderia decidir com conhecimento de causa.

Conforme combinado, essa diligência teria de ficar para depois da assembleia para a qual Magalhães estava já um pouco atrasado. Apressaram-se a mandar bater para o torreão nascente da Praça do Comércio onde se celebravam as sessões da Bolsa, numa ampla sala de tecto abobadado, sustentado por uma série de delicadas colunas toscanas.

Estava num dia de sorte: em todas as operações só uma única vez o jogo de câmbios funcionara contra os seus interesses. No fim da sessão, hesitava ainda entre um carregamento de urzela de Cabo Verde e um similar de cochonilha de Chipre. Estava a muito bom preço mas Magalhães sabia que aquele corante pertencia ao passado; a cochonilha, porém, não é toda igual. O carregamento que lhe ofereciam era da silvestre, mais barata, vinda da Ásia, não se comparando à que era colhida nas folhas do napal da Nova Espanha.

Era sobre as vantagens de importar ou não a cochonilha que o negociante continuava a hesitar. A verdade é que naquela manhã se sentia desatento, porque a sua cabeça, num rodopio, calculava e recalculava os benefícios prováveis dos monopólios e das isenções. Como num sonho, as fortunas iam-se acumulando nas salas soalheiras do palácio de Ludovice como na caverna de Ali-Babá, e montanhas de ouro deslizavam dos tectos com reverberações de cascatas.

Ao arrepio do seu hábito, faltou ao almoço semanal com os amigos do Porto, para matar saudades da sua amada terra, porque ao bater do meio-dia já se vislumbravam os cavalos da guarda encostados à colunata, meneando a rabada e pisando com impaciência o piso saibroso, enquanto vigiavam uma carruagem com as cortinas discretamente corridas, onde o secretário Seabra o aguardava impaciente.

Corriam agora pela beira-Tejo no sentido de Santa Clara, mas logo foram travados pela azáfama do terreiro público onde os vendedores espalhavam os seus legumes, frutas, pescado e pães de milho de casca encortiçada, do tamanho de mós. Os aguadeiros corriam apressados, de costas vergadas ao peso dos barrilinhos acabados de encher no Chafariz do Andaluz. Os ca-traeiros depositavam as suas cargas, transportadas das imensas e úberes le-zírias do Tejo em barcos rudes e sólidos de vela latina e fundo chato. Todos

atravancavam a passagem de tal sorte que foi preciso abrir caminho com o peito musculoso dos cavalos e pisar as vendas espalhadas com os rodados da carruagem, deixando um rasto de prejuízos, lamentos e imprecações.

Dali até ao Chafariz d'El-Rei foi um instante mas, aí chegados, defrontaram-se com uma confusa peleja: galegos, pretos e embarcações tinham-se envolvido numa batalha campal. Voavam ânforas e barris, âncoras e até uma mão de porco veio tombar sanguinolenta entre as patas das mulas, estarecidas. Só após algum tempo e várias cabeças partidas, os longos chanfalhos dos dragões (prontamente desembainhados) conseguiram pôr cobro à zaragata.

Entretanto, desenrolara-se o peditório habitual quando uma carruagem se imobiliza nas ruas de Lisboa: frades mendicantes estendendo as suas escudelas de madeira, miseráveis exibindo as chagas e aleijões, velhas que vendiam castanhas assadas ali mesmo no meio dos escombros e vinham oferecê-las na concha enegrecida das mãos. Tudo isto à mistura com a algazarra da criançada alardeando tonta alegria.

Seabra, com desdém, cerrou as cortinas. Finalmente, puseram-se em movimento pela desafoçada via até à íngreme subida para o Arsenal do Exército e Igreja de Santa Engrácia, que alvejava no alto.

— Deviam ser assim todas as ruas, mas para esta chegar à largura necessária, nem imagina o custoso que tem sido. Nenhum proprietário quis ceder uma polegada do que considerava seu e, então, teve de ser aberta à força. — Seabra apontava as paredes derrubadas e os entulhos que ladeavam a rua como se um novo terramoto a tivesse assolado.

— É muito ampla, de facto — concordou Magalhães. — Mas houve alguma situação especial que forçasse à realização destes trabalhos?

— Ah, o senhor comendador não está a par da grande festa que se prepara para o nosso soberano? — Parecia escandalizado. — Pois fique sabendo que, neste preciso momento, o senhor Machado de Castro, escultor muito conceituado, está a afeiçoar o molde para a fundição em bronze da estátua equestre de Sua Alteza, que irá ser a maior do mundo. — E Seabra perscrutava na face de Magalhães uma reacção às suas palavras. — E esta rua é precisamente aquela por onde hão-de passar os carros que a irão transportar.

Magalhães não sabia mas ficou agradado com a ideia, cujo resultado estético, aliás, já tivera ocasião de admirar noutras cidades da Europa.

— Onde vai ser fundida essa estátua?

— Tanto quanto sei, será no Arsenal do Exército. O fundidor vai ser um mestre estrangeiro, porque, com tal dimensão e complexidade, nunca se fez no reino nada que se lhe assemelhasse.

— É pena que os nossos artesãos não tenham desenvolvido essas artes.

— É só canhões e sinos, senhor comendador. Disparar e rezar tem sido desde sempre a vocação do reino.

Chegados a Santa Clara, a alma de Magalhães imergiu na luz sublime de Lisboa e pacificou-se perante a paisagem que se oferecia ao olhar: o cinzento-azulado das águas do estuário que se iniciava após a torrente vermelha do casario e escorria por toda a extensão visível, numa imensidão plácida, até se perder de vista nas neblinas que descobriam, muito à distância, um pedacinho ou outro de terra firme. Para ocidente alvejava o Convento de São Vicente. Alguns outros palácios e solares de nobre aparência enquadram o campo semeado de esparsas oliveiras e retorcidas azinheiras. A casa do visconde de Barbacena avultava entre as demais pelo seu equilíbrio e elegância. Parecia mais pequena que a de Ludovice, tanto mais que tinha menos um piso, mas era proporcionada e harmoniosa.

O guarda, com molhos de grossas chaves pendentes duma argola que pendurava ao ombro, aguardava-os. Com uma das mãos agarrava o cachaco de um cão que, ostentando uma dentuça possante, regougava ameaças, enquanto com a outra se desbarretava, dobrando-se em vénias à aproximação dos dois homens, como se estes fossem príncipes ou bispos.

Durante mais de uma hora percorreram o edifício. Nos pisos nobres sucediam-se os salões despidos de mobiliários ou de qualquer outro adorno. Alguém havia escancarado as grandes portadas de madeira e, embora velado pelas vidraças poeirentas, todo o esplêndido panorama desculpava a nudez das salas. Passaram revista aos pisos da criadagem com escadas estreitas e tectos esconsos iluminados em mansarda. Inspeccionaram os pisos térreos onde as cozinhas surpreendiam pela amplidão: bojudos fogões de ferro e cobre preparados para ferver, fritar, refogar, guisar comida para gerações de famílias. Nas paredes abriam-se fornos como grutas, tão altos e profundos que neles cabia um homem; sob a enorme cúpula da chaminé, quedos e expectantes, fixavam-se nos seus suportes de ferro dois espetos tão grandes que cada um poderia assar duas peças de caça grossa em simultâneo...

Apesar de tudo, Magalhães sentia que o seu coração já estava comprometido com a elegância discreta do palácio de Ludovice. A magnificência da casa que agora percorria parecia-lhe excessiva e, apesar da vista desafogada e da garantia de uma estrada larga até à Praça do Comércio, parecia-lhe menos adaptada às suas necessidades e gostos. Foi dando a entender a Seabra a sua opção (sem ser demasiado explícito, porque estava a aprender a arte da prudência), mas o secretário não viu nessa escolha nenhum tipo de inconveniente.

— Era necessário visitar e comparar ambas as casas, mas, conforme as instruções do senhor marquês, a decisão final é de vossa senhoria.

Regressaram, então. Mas o tempo de Lisboa preparava-se para os atraiçoar. Puseram-se a caminho já sob uma chuva copiosa, os boleiros e os dragões encharcados que nem pintos e os cavalos resfolegando de nervoso e de esforço. Por alturas do Chafariz d'El-Rei, descendo do alto do Castelo num dilúvio, tomando velocidade pelas ruas tortuosas e estreitas de Alfama, a água precipitou-se sobre eles com tal violência que a carruagem se desequilibrou e só a grande perícia dos condutores evitou o pior.

Chegados à Praça do Comércio, apesar da hora tardia e da chuvada, que, embora tivesse amainado, continuava ameaçadora, Seabra tentou convencer Magalhães a acompanhá-lo até à Ribeira Nova para lhe mostrar um armazém que lhe «...poderia vir a ser de grande utilidade», mas este agora só desejava recolher-se ao sossego e conforto da sua casa. Pretextou uma indisposição e, mesmo a pé, sujando e amassando os sapatos na areia e na terra, encharcando as meias nas poças, atravessou a praça o mais rápido que pôde.

Quando chegou, a loja estava já encerrada mas o caixeiro estava lá dentro, porque antes de sair gostava de descansar um pouco, estendido no chão atrás do balcão (embora Magalhães desconfiasse que às vezes dormitava em cima do próprio balcão). Quando o patrão entrou, o empregado, que se deliciava com uma fatia de broa onde uma sardinha salgada ressumava apetitosa gordura, de imediato se aprumou escondendo o petisco.

Magalhães fingiu não ver, recolheu a correspondência e subiu.

Ao cimo das escadas, Afonso, que o esperava muito preocupado, precipitou-se para o libertar do capote encharcado, do chapéu e da casaca.

Pediu uma refeição ligeira e as suas pedras cordiais para atalhar uma *migraine* que sentia a iniciar o seu nefasto percurso. De imediato o criado, que viera envolvê-lo num confortável roupão, gritou para dentro a apressar a cozinheira e correu a dissolver num cálice de Porto dois grânulos milagrosos.

Magalhães ia abrindo maquinalmente a correspondência quando, de dentro de um volumoso envelope, algo caiu a seus pés. Tratava-se dum pequeníssimo sobrescrito em papel azul-claro com o lacre cor de sangue esmagado com um sinete, onde um «S» e um «L» se entrelaçavam num abraço espiralado.

Recostou-se na preguiceira de couro lavrado (mandara fazê-la recentemente no Porto com pele de rena, forte e flexível, vinda da Suécia), gozando com deleite desse agradável repouso depois de um dia tão atribulado. Afonso descalçou-lhe os sapatos e substituiu-lhe as meias brancas pintalgadas de lama. Cobriu-o com a grossa e fofa manta de pele, aconchegou-lha e retirou-se para os seus afazeres.

Magalhães bebeu um gole do cálice que Afonso deixara na mesinha e mirou a carta que extraíra do minúsculo invólucro.

*Ilustríssimo e Digníssimo Senhor
José Bento Alvarez de Magalhães*

Château de Chanteloup, 17 de Novembro de 1773.

Peço o seu amável perdão para a forma dissimulada como fiz chegar este bilhete às suas mãos, mas nenhuma precaução é excessiva. A minha situação piorou muito desde a última missiva e, se não fosse a alta protecção concedida pela caridade de amigos, decerto já estaria neste momento a apodrecer numa masmorra. O nosso negócio em Lisboa encontrava-se, como vê, inteiramente comprometido. Foi assim com alguma satisfação que recebi a sua proposta. Noutros tempos talvez a achasse despropositada mas as circunstâncias em que me encontro são tão peculiares que decidi aceitá-la.

Permita-me que me explique. Tenho envidado ultimamente enormes esforços para sair de França para qualquer cidade da América onde se garantam as liberdades aos seus cidadãos — de que este meu triste país está tão carecido.

Apesar de a vigilância montada à minha volta ser grande, o obstáculo maior não será iludi-la mas atravessar o Canal para Inglaterra, onde me moveria com maior facilidade. Todas as minhas diligências têm sido até agora detectadas pelos meus inimigos. Acresce que me vedaram o acesso ao meu próprio património e nos últimos meses tenho vivido inteiramente à custa da hospitalidade inesgotável de um grande amigo, situação que me tem causado continuado desgosto.

Tenho esperanças de que, apesar destas dificuldades, consiga ainda levar a cabo o meu intento. Se tal acontecer, irei necessitar de fundos grossos para a minha viagem e instalação na América, o que me traz de volta à sua proposta.

Concluindo, se conseguir escapar-me, transmitirei de imediato e na integralidade os conhecimentos que me pede a quem designar — deve ser pessoa experiente na tinturaria —, a qual se deverá para o efeito encontrar comigo em Inglaterra.

Em relação à quantia, e atendendo a que a sua solicitação não é de cariz pessoal mas de um reino possuidor de grandes riquezas, calculei um total de 10.000 libras esterlinas, metade em contado

e metade em letras de câmbio pagáveis à ordem num banco americano.

Os meses de Inverno são muito perigosos para atravessar o Canal, mas estou convicto de que, esgotado o mês de Março, a minha vida passará a valer pouco mais que nada. Acreditando ainda que tudo termine a contento, envia-lhe saudações cordiais o,

Stéphane Thomas Du Vary Larcher

Com a lentidão dos pesadelos, dobrou o papel e pousou-o cuidadosamente no colo. Limpou às mangas do roupão a humidade que lhe nascia das mãos. Da frente escorriam-lhe grossas bagas de suor. Sentiu a larga preguiceira ondular como que sacudida por ondas desencontradas. Encostou a cabeça para atenuar a vertigem mas a vista fugia-lhe. Tentou levantar-se e chamar por Afonso, mas a voz já não lhe obedeceu. A cabeça pendeu-lhe para o lado, depois todo o resto do corpo acompanhou com lentidão esse movimento até rojar no chão. Só uma das pernas continuou sobre o couro lavrado do leito, como que abandonada.

Quando Afonso entrou no quarto, ajoujado ao peso da bandeja de prata onde fumegava um odorífero guisado de frangão, foi encontrar o seu amo caído por terra, sem dar acordo de si.